

Jornal da Unicamp

Campinas, janeiro de 2001 – ANO XV – Nº 158

NEGROS

Arte: Félix



O racismo velado no Brasil vem à tona quando se relembra a história e cultura dos negros e sua participação nos índices de emprego e mortalidade

Caderno Temático

A VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES, HOMOSSEXUAIS E OUTRAS MINORIAS

Págs. 7, 8 e 9

O GAROTO DA FAVELA QUE PINTA QUADROS PARA FUGIR DO MUNDO

Págs. 10 e 11

A ETERNA LUTA DOS PROFISSIONAIS QUE CAPTAM ÓRGÃOS PARA TRANSPLANTES

Págs. 4 e 5

BRASIL AINDA BRILHA NO CAMPO, MAS ENGATINHA NO FUTEBOL-EMPRESA

Págs. 16 e 17

Prazer sem culpa

Lazer é lavar louça, podar árvore, pintar a fachada de casa ou simplesmente curtir o ócio

PAULO CÉSAR NASCIMENTO

pcn@correionet.com.br

Responda qual destas alternativas não é uma atividade de lazer: a) gastar doze horas de viagem em um sacolejante ônibus só para torcer pelo seu time, mesmo que o jogo seja apenas um amistoso; b) passar o dia todo deitado em uma rede à sombra de um coqueiro na praia; c) lavar aquele amontoado repugnante em que se transformou a louça do jantar; d) aproveitar o final de semana prolongado para repintar a fachada da casa, consertar a torneira da pia da cozinha que pinga sem parar, podar os galhos da árvore no jardim, substituir o vidro da janela que o filho do vizinho outro dia quebrou sem querer com a bola etc, etc, etc...Errou quem optou por qualquer uma delas. Todas podem ser consideradas lazer – ainda que ensaboar e enxaguar pratos e talheres pareça estar a anos-luz de distância daquilo que alguém em sã consciência escolheria para entretenimento.

Quem afirma é um profissional que há 25 anos dedica-se a estudar o tema no Brasil. Para o professor Nelson Carvalho Marcellino, do Departamento de Estudos do Lazer, da Faculdade de Educação Física (FEF) da Unicamp, qualquer atividade pode ser considerada lazer; dependendo de quem a executa e das circunstâncias que cercam sua realização, como a livre adesão e a capacidade de a atividade escolhida proporcionar descanso, prazer, divertimento e desenvolvimento a quem a pratica.

Portanto, até a obrigação doméstica de lavar pratos pode, sim, ser uma atividade de lazer se, por exemplo, ocorrer como parte de uma gincana em um acampamento de férias. O que para o jardineiro e para o pintor são tarefas profissionais transforma-se em *hobby* para quem gosta de jardinagem ou decide pintar a casa só para relaxar. E qual é o torcedor que não faz sacrifícios pela felicidade de ver seu time jogar?

Ócio – Enfim, o conceito de lazer é mais amplo do que o restrito entendimento de jogos e brincadeiras, ou do que a programação que aqueles animados grupos de moças e rapazes nos hotéis, os monitores, adoram organizar para os hóspedes. “Lazer pode até ser a não-atividade, o ócio”, argumenta Marcellino.

Por esse prisma, ninguém deve mais sentir-se culpado por se entregar a letárgicos momentos de repouso em uma rede enquanto o resto da turma parece participar de uma olimpíada na praia. O importante é o prazer que a atividade escolhida proporciona, ensina o professor da Unicamp.

Ele observa, porém, que ao invés de buscar o prazer nas atividades cotidianas, as pessoas cometem o equívoco de adiá-lo para momentos em que julgam serão capazes de usufruí-lo. É aquela conversa que todo mundo algum dia já ouviu de alguém, se é que não pensou da mesma forma: aguardar pela aposentadoria para finalmente poder curtir a vida... “Ou seja, vivemos a vida inteira sem nos darmos o

Relaxando à beira do rio: ninguém deve se sentir culpado por optar pela letargia ao invés de uma olimpíada de praia



Nelson Marcellino, da FEF: o conceito de lazer é amplo

direito ao prazer.”

Sociólogo, mestre em filosofia da educação e doutor em educação física, com artigos e livros publicados, Marcellino explica que há também barreiras limitantes ao lazer. Segundo ele, as mulheres são desprivilegiadas em relação ao homem nesse campo, pela própria educação que recebem e pelas obrigações sociais e familiares decorrentes do casamento. E, às vezes, a viuvez é a grande libertação da mulher para o lazer. A forma consumista com que o lazer é tratado também impõe restrições a crianças e aos idosos: as primeiras porque ainda não entraram no mercado de trabalho; os segundos porque já saíram.

Obrigatoriedade – Para o estudioso, a educação tem uma parcela muito grande de responsabilidade na manutenção desse quadro porque, de acordo com ele, não prepara convenientemente para a vida. E não preparando para a vida, não prepara para o lazer. Marcellino aproveitou mais um Colóquio de Atualização organizado pela Reitoria para dar esse recado a um público formado por quase 700 professores da rede de ensino.

Na opinião dele as disciplinas, desde os primeiros anos escolares, deveriam se preocupar em criar uma mentalidade para o lazer, a partir da exploração de conteúdos que não fossem apenas os físico-esportivos, como tradicionalmente ocorre, mas também os artísticos, sociais, intelectuais e manuais.

“Isso permite aos alunos entender que, para obterem lazer, não precisam exclusivamente jogar futebol. Podem se divertir do mesmo modo assistindo a essa modalidade na televisão ou ainda recebendo informações sobre o esporte por meio da leitura de jornais”, exemplifica. “O que geralmente ocorre é que os professores privilegiam a prática e deixam de formar espectadores críticos e criativos.”

Há que se tomar, contudo, o cuidado de evitar a obrigatoriedade quando se educa para o lazer, adverte Marcellino. “Se, após ler Machado de Assis, uma criança das séries iniciais é obrigada a fazer um fichamento da obra, ela estará sendo praticamente condenada a não querer mais ler o autor em seu momento de lazer”, sentencia.

UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas

Reitor Hermanno Tavares. Vice-reitor Fernando Galembeck. Pró-reitor de Desenvolvimento Universitário Luís Carlos Guedes Pinto. Pró-reitor de Extensão e Assuntos Comunitários Roberto Teixeira Mendes. Pró-reitor de Pesquisa Ivan Emílio Chambouleyron. Pró-reitor de Pós-Graduação José Cláudio Geromel. Pró-reitor de Graduação Angelo Luiz Cortelazzo.

Jornal da Unicamp

Elaborado pela Assessoria de Imprensa da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Periodicidade mensal. Correspondência e sugestões Cidade Universitária “Zeferino Vaz”, CEP 13081-970, Campinas-SP. Telefones (0xx19) 3788-7865, 3788-7183, 3788-8404. Fax (0xx19) 3289-3848. Homepage <http://www.unicamp.br/imprensa>. E-mail imprensa@obelix.unicamp.br. Editores Luiz Sugimoto, Álvaro Kassab e Manuel Alves Filho. Redatores Adriana Miranda, Antônio Roberto Fava, Célia Piglionne, Isabel Gardenal, Nadir Peinado, Raquel do Carmo Santos, Roberto Costa e Maria Alice da Cruz. Edição de Arte Oséas de Magalhães. Fotografia Antoninho Perri e Dário Crispim. Diagramação Dário Mendes Crispim e Hélio Costa Júnior. Colaboradores nesta edição Paulo César Nascimento, Maria do Carmo Pagani e Luciana Lima. Ilustrações Félix (Capa). Serviços Técnicos Clara Eli de Mello, Dulcinéia B. de Souza e Edison Lara de Almeida. Impressão R. Vieira Gráfica e Editora Ltda.: (19) 229-9900. Publicidade JCPR Publicidade e Propaganda: (19) 3239-0962.

SERVIÇO
SERVIÇO

Na caixinha de leite, o frescor da população

Embalagem 'longa vida' funciona como isolante térmico em moradias de baixa renda

MARIA DO CARMO PAGANI
carmopagani@aol.com

A embalagem "longa vida", utilizada para garantir a durabilidade e a qualidade dos produtos nela acondicionados – e que depois vira lixo de difícil decomposição e abarrotta os aterros sanitários – pode ser aproveitada para outra finalidade: como material de construção. Aplicadas para isolamento térmico de telhados, em especial telhas de cimento-amianto, essas embalagens são capazes de refletir até 95% da irradiação infra-vermelha do sol e, com isso, reduzir em perto de 9° C a temperatura no interior do ambiente. Esta propriedade vem sendo constatada nas experiências do engenheiro civil industrial Luis Otto Faber Schmutzler, pesquisador-colaborador do Laboratório de Engenharia Biomecânica (Labiomec), da Faculdade de Engenharia Mecânica (FEM) da Unicamp.

As embalagens longa vida usadas como isolante térmico podem minimizar o problema de superaquecimento de moradias, particularmente as da população de baixa renda. Coberturas de cimento-amianto são comuns também em escolas, submetendo crianças e professores a um calor insuportável, a alterações de humor e a problemas no rendimento escolar e de saúde. O aproveitamento do material também assegura, nas noites de inverno, o fim do gotejamento nas telhas, causado pela condensação da umidade relativa do ar (respiração e vapor desprendido das panelas no fogão).

Curiosidade – A mera curiosidade de Schmutzler em abrir uma embalagem de leite resultou no "Projeto Forro Vida Longa", que passa a integrar as atividades de pesquisa da FEM, com o objetivo não apenas de aprimorar as técnicas de utilização alternativa do material como a divulgação dos benefícios deste reaproveitamento ao meio ambiente. Para cumprir esta meta será construído na Unicamp um protótipo



Embalagens 'longa vida' em supermercado: conforto a baixíssimo custo para a população menos favorecida

de residência onde diversos testes serão realizados.

A proposta, esclarece o pesquisador, é levar algum conforto a baixíssimo custo para a população menos favorecida economicamente, obrigada a conviver com o superaquecimento de suas casas, principalmente naquelas cobertas com telhas de espessura reduzida, onde a temperatura interior, no alto verão, pode chegar a 45° C (sobre a cobertura, ela fica próxima dos 70° C). "Não podemos esquecer que mulheres e crianças – e pessoas que por trabalharem à noite têm de dormir durante o dia – enfrentam esse desconforto a maior parte do tempo", ressalta.

Schmutzler percebeu o uso alternativo das embalagens longa vida há cerca de três meses, logo que abriu a caixa de leite. Achou interessante o visual interior delas e começou a guardá-las pensando, inicialmente, que poderiam ser úteis na confecção de peças de artesanato. "Notei a existência de uma camada de alumínio, material semelhante ao de um revestimento próprio para isolamento térmico de telhados, importado e de custo elevado", explica. Resolveu então avaliar esta propriedade nas embalagens, colocando-as por horas embaixo de telhas de cimento-amianto, sob sol forte, observando a eficiência das caixinhas para refletir os raios infra-vermelhos.

Risco de incêndio – Experiências complementares foram feitas em casas na praia de Itamambuca, em Ubatuba (SP). Ali já existem pessoas envolvidas na execução do projeto, que trataram de eliminar

dúvidas sobre a capacidade isolante das embalagens. Os testes demonstraram, também, que mesmo sendo compostas por várias camadas de polietileno e papelão, elas não são auto-combustíveis e, portanto, não aumentam o risco de incêndio. "Em um curto-circuito provocado, a corrente elétrica foi cortada pela própria embalagem, comprovando que não é iniciadora de fogo e que, como outros materiais usados na construção civil, só queima se a chama for mantida sobre ela".

Motivado pelo resultado de suas pesquisas, Schmutzler desenvolveu técnicas para a limpeza em larga escala dos resíduos de leite nas embalagens, o corte adequado e a colagem para produção das mantas, que devem ser colocadas sob as telhas e ainda em paredes mais expostas ao sol. São procedimentos simples, mas que garantem a perfeita higienização das embalagens tanto para o manuseio quanto para a aplicação.

Um próximo passo, comenta o pesquisador, é divulgar a característica desse material junto às prefeituras. Esta iniciativa pode incentivar a criação de coleta seletiva para o aproveitamento na construção de moradias populares, escolas, postos de saúde e outros prédios públicos cuja cobertura, em função do custo, é na maioria das vezes feita com telhas de cimento-amianto. Para isso, o pesquisador planeja criar um *site* no qual o interessado poderá obter todas as informações necessárias para a correta confecção e aplicação das mantas em paredes ou telhados.

Importante benefício ambiental

Além da finalidade social, o aproveitamento das embalagens "longa vida" para isolamento térmico em moradias traz importante benefício ambiental. Compostas por seis camadas de materiais – quatro de polietileno, uma de alumínio e uma de papelão – as caixinhas vazias acabam se constituindo em sério problema ecológico. Dados da Companhia de Tecnologia e Saneamento Ambiental de São Paulo (Cetesb) revelam que elas levam cerca de cem anos para se decompor.

O crescente uso dessas embalagens faz com que elas passem a ocupar espaço considerável nos aterros sanitários. "A previsão da multinacional sue-

ca Tetra Pak, único fabricante mundial das embalagens longa vida, era de produzir seis bilhões de unidades no Brasil somente em 2000", conta o pesquisador Luis Otto Schmutzler.

A difusão de sua utilidade como material de construção, acredita, contribuirá para aliviar o acúmulo de lixo urbano. "É nosso objetivo que as caixinhas sequer cheguem ao lixo", diz. Schmutzler defende a criação de sistemas específicos de coleta pelas prefeituras ou por organizações ligadas às comunidades carentes, e o incentivo para que o trabalho de limpeza e colagem das embalagens seja feito em centros comunitários. Isso pode garantir, ainda, ganho econômico para

catadores ou desempregados que se dedicarem à tarefa.

Atualmente, segundo o pesquisador, a Tetra Pak reprocessa 15% das embalagens, destruindo-as e vendendo os resíduos para fábricas de plástico e de papelão. Essas seis bilhões de unidades poderiam, se reaproveitadas, garantir 400 mil metros quadrados de isolante térmico, o suficiente para 40 mil pequenas moradias. Para cada metro quadrado de manta são necessárias 16 caixinhas de leite.

"O país não pode se dar ao luxo de descartar esta preciosidade, em prejuízo não só do bem-estar da população como do meio ambiente", ressalta Schmutzler.



Schmutzler e a manta térmica: curiosidade

A espera pelo transplante: fila para a vida ou para a morte?

A eterna luta dos profissionais da captação de órgãos, o drama de quem aguarda e a felicidade de quem consegue

ANA CLAUDIA CONTI CAMARA
FERNANDA JUNQUEIRA JULIANO
VIVIANNE LINDSAY CARDOSO

Sentia muita dor e câibra nas pernas e nos dedos. Minha barriga endurecia e entortava. Um sofrimento danado”. Era assim que Dalécio Pastor, transplantado de fígado, se sentia sempre que enfrentava as crises provocadas por uma doença sem cura: a hepatite C. Atualmente vice-presidente da Associação de Assistência aos Portadores de Hepatites, Candidatos a Transplante e Transplantados Hepáticos do Interior do Estado (APOHIE), com sede em Campinas, ele foi agraciado com a única chance de vida que lhe restava, o transplante, que ocorreu em 1994 no Hospital das Clínicas (HC) da Unicamp.

“O transplante é uma coisa maravilhosa, minha filha é o espelho disso tudo”, afirma Pastor, 56 anos, que esperou oito meses por um fígado. Dois anos depois ele viu nascer uma filha, Fernanda, loira de olhos azuis, encantadora, prova concreta e singela das mudanças que acontecem na vida de um transplantado.

Quando convivia com a perspectiva constante da morte, Dalécio Pastor ficou privado de realizar qualquer tipo de esforço físico e foi submetido a uma dieta rigorosa, diminuindo o sal, a carne vermelha e abolindo de vez as bebidas alcoólicas. Tantas dificuldades foram superadas graças ao apoio da esposa, Rosângela. Internações às pressas eram freqüentes. A última crise o deixou caído no meio da sala de casa. E foi naquele momento, como por mi-

lagre, que veio o telefonema da Unicamp.

Drama distante – A grande maioria das pessoas acredita que a necessidade de transplante é uma ameaça distante, que nunca a atingirá ou a seus familiares. Como não afeta a alguém mais próximo, o problema está fora de discussão, assim como o processo de doação de órgãos. Esta é uma das causas do baixo índice de doadores no Brasil. Outro complicador é que a abordagem para se obter a autorização de doação acontece sempre no momento da morte encefálica de um ente querido. A primeira resposta dos familiares, desinformados sobre o processo, é negativa. Faz sentido, diante das circunstâncias dramáticas, visto que a morte encefálica é provocada por traumas, ou seja, acidentes. Mas é necessário o pedido nesta condição constrangedora, porque após a morte do encéfalo os demais órgãos continuam funcionando por determinado tempo, possibilitando sua retirada.



José Carlos, renal crônico mais antigo de Campinas: medo da cirurgia

O urologista e coordenador da Organização de Procura de Órgãos (OPO) da Unicamp, Adriano Fregonesi, afirma que as filas de espera por transplantes nos hospitais levam a uma incógnita. “Os pacientes não têm como saber se é uma fila para a vida ou para a morte”, lamenta. Segundo o médico, apenas no Estado de São Paulo aproximadamente 8 mil pessoas esperam por um rim, 2 mil por um fígado e 500 aguardam um coração. Esses números só não aumentam porque 30% dos pacientes acabam morrendo na fila.

A secretária da OPO, Yvonne Caporalle Mayo, define em uma frase

a problemática da doação de órgãos: “O transplante tem duas vias. A probabilidade de você ser um receptor é muito maior que a de ser um doador, porque para ser um doador é necessária a morte encefálica”. Presidente da Associação Brasileira de Transplante de Órgãos (ABTO), o nefrologista Henry de Holanda Campos alerta que ninguém está livre de sofrer uma insuficiência cardíaca, renal ou hepática: “Doar órgãos significa doar vida. Qualquer um de nós pode necessitar de um transplante”, alerta.

Campanha permanente – O trabalho desenvolvido por Adriano Fregonesi inclui a criação de campanhas publicitárias, fundamentais para esclarecer potenciais doadores sobre os procedimentos executados no transplante e na captação de órgãos. Todos os hospitais de Campinas e região mantêm à mão os telefones da Central de Captação, que é imediatamente contatada quando da existência de um potencial doador. A OPO da Unicamp atende uma população de seis milhões de habitantes, em 127 cidades da região.

Em maio de 2000 foi lançada a Campanha Permanente de Doação de Órgãos. Sob o lema “Transplante de Órgãos – Essa via tem duas mãos”, distribuiu-se camisetas com a seguinte frase: “Doe seus órgãos. Você nunca sabe de que lado pode estar”.

De acordo com os médicos, foi nítido o aumento do número de doações nos meses após o lançamento da campanha. Também está claro que as doações diminuem quando o assunto é esquecido. Por isso, a luta de Fregonesi e seus colaboradores para manter latente na consciência da população a discussão sobre o transplante e o nobre ato de doar vida.

Sobre a suspeita de comércio de órgãos e o diagnóstico de morte encefálica

As notícias veiculadas na mídia sobre tráfico de órgãos trazem prejuízos irreparáveis ao trabalho de captação nas centrais do país, uma vez que contribuem para levantar dúvidas e deixar a população insegura quanto à credibilidade do processo. Para o urologista Adriano Fregonesi, muitas das notícias são improcedentes e sensacionalistas, com o único interesse de vender jor-

nal ou conquistar audiência.

O coordenador da Organização de Procura de Órgãos (OPO) da Unicamp ressalta que o transplante envolve um grande número de profissionais, perto de 40 médicos altamente especializados em cada cirurgia, sendo impossível que todos eles pratiquem ato ilícito, escondendo um suposto comércio. O atual Código de Ética Médica, vigente desde 1988, proíbe a comercialização de órgãos humanos no Brasil.

Em alguns países, como Índia e Filipinas, o comércio é permitido sob consentimento do governo. Nesse caso, trata-se de uma operação legal e não de um mercado negro. Anunciam-se órgãos abertamente, lembrando o regime de escravidão, com a diferença de que os escravos eram vendidos inteiros e não fragmentados. Na Índia pessoas pobres vendem seus rins para amenizar a situação de miséria. O Brasil está muito longe desta prática discutível, garante Fregonesi. A fila de espera por órgãos é única, onde ricos e pobres recebem o mesmo tratamento.

Procedimentos – Constatada a morte encefálica, inicia-se uma série de procedimentos para que a doação de órgãos se efetive. Esta

burocracia é apontada como um dos principais empecilhos para o tráfico de órgãos. O diagnóstico da morte encefálica é firmado sob um protocolo assinado por dois médicos, sendo um deles neurologista. São realizados dois exames clínicos, com intervalo mínimo de seis horas, além de um exame gráfico complementar (eletroencefalograma) para confirmar a morte. Médicos da equipe de transplante não podem participar do diagnóstico, que é baseado na ausência de funções cerebrais.

Com o protocolo preenchido e assinado, os médicos devem notificar a OPO da Unicamp sobre a existência de um potencial doador, transmitindo às enfermeiras dados específicos como idade, peso, sexo, altura, grupo sanguíneo e exames laboratoriais. Se este possível doador encontra-se em outro hospital, a enfermeira providencia uma ambulância para a coleta do sangue, a fim de se fazer os exames, entre eles as sorologias para HIV e hepatites B e C.

Fila única – Em seguida, o Sistema Estadual de Transplantes (SET), através da Central de Notificação, Captação e Distribuição de Órgãos (CNCDO 2), responsável pelo serviço no interior

de São Paulo (com sede em Ribeirão Preto), é comunicado e transmite os nomes dos receptores cadastrados na fila única para os departamentos responsáveis pelo transplante. Assim, os primeiros das filas para recepção de rim, fígado, coração e córnea são chamados na Nefrologia, Gastroenterologia, Cardiologia e Oftalmologia da Unicamp, respectivamente. O próximo passo é comunicar as equipes transplantadoras sobre os resultados dos exames do potencial doador, uma vez que este não pode transmitir qualquer doença ao receptor.

Somente com a autorização da família para a retirada dos órgãos, e havendo receptores compatíveis, são chamadas as equipes de cirurgias, cada qual especializada em um determinado órgão, seguindo a seguinte ordem para a extração: coração, fígado, rim e córnea. O coração suporta pouco tempo sem circulação sanguínea, de quatro a seis horas; o fígado, de 12 a 24 horas; e o rim, de 24 a 48 horas. A córnea é o único caso em que a retirada pode ser feita até seis horas após a constatação da morte encefálica, por se tratar de um tecido avascular (que não recebe fluxo sanguíneo).

SAÚDE
SAÚDE

Novela de TV coloca tema em alta



Pedro Henrique, na hemodiálise: tentando esquecer do rim



Ana Claudia, psicóloga: a fé é arma para combater a angústia

Transplante e doação de órgãos é um tema em alta no momento, em razão do drama vivido pela personagem Camila, interpretada pela atriz Carolina Dieckman na novela "Laços de Família", da Rede Globo. Ela tem leucemia e necessita de um transplante de medula óssea. O roteiro prometia "esquentar" porque a mãe Helena (Vera Fischer) tentaria engravidar a fim de conseguir um doador compatível para Camila, levantando a polêmica: é correto produzir um filho apenas para salvar a vida de outro?

O transplante de medula óssea difere daqueles envolvendo outros órgãos do corpo humano porque ninguém precisa morrer para ser doador. Ao contrário, somente pessoas vivas estão capacitadas. O tecido sanguíneo do interior dos ossos (local da medula) é extraído, depositado em recipiente de aço inoxidável, filtrado e colocado em uma bolsa de sangue para ser infundido na veia subclávia do receptor, localizada na região do tórax, entre o pescoço e o ombro, finalizando o procedimento. Apesar do procedimento muito simples, a recuperação do paciente exige muitos cuidados, principalmen-

te em relação à higiene, devendo-se evitar o contato de pessoas que não convivem com o transplantado.

Rim – O Hospital das Clínicas (HC) da Unicamp realiza, em média, 70 transplantes renais por ano. De acordo com o urologista Adriano Fregonesi, as estatísticas mostram que 85% dos rins transplantados apresentam bom funcionamento depois do primeiro ano e, após cinco anos, 70%. Com o passar do tempo, alguns enxertos são perdidos, em razão da chamada rejeição crônica. Nesse caso o rim precisa ser retirado para implantação de outro, levando o paciente de volta à hemodiálise e à fila por um novo transplante.

O Ministério da Saúde registra que de janeiro a maio de 1999 foram feitos 840 transplantes de rim no país. No ano de 2000, no mesmo período, ocorreram 921, um crescimento de 9,64%. A Unicamp realiza transplantes de rim (tanto de doador vivo como de morto), fígado, coração, córnea e medula óssea. Em breve deve começar a fazer transplante de pâncreas.



Fregonesi, da Captação de Órgãos: SP tem oito mil na fila



Pastor, Rosângela e Fernanda: na crise, telefonema milagroso

A tênue linha entre a vida e a morte

José Carlos dos Santos, de 47 anos, é o renal crônico mais antigo de Campinas. Está há dezesseis anos na fila para um transplante de rim. Anda com dificuldades, apresenta as marcas das dilatações nas veias e, apesar do semblante tranqüilo, seu olhar é triste. Por dezes-

vezes chegou a primeiro da lista, mas recusou todos os chamados para a cirurgia temendo a rejeição. Há 13 anos viu a esposa, Maria da Luz, morrer por um erro médico quando realizava exames para doar um rim ao marido. "Ela ficou dez dias em coma depois de receber sangue infectado. Já superei tudo isso, não guardo mágoas. Mas é difícil a lembrança", afirma.

Atualmente José dos Santos procura estar o mais presente possível na fiscalização de hospitais: "Faço parte da Câmara Municipal de Saúde de Campinas, da Comissão Técnica de Nefrologia na área de Vigilância Sanitária e sou diretor de saúde da Associação dos Renais Crônicos da cidade. É uma forma de assegurar que ninguém mais morra como minha esposa".

A psicóloga Ana Claudia Silvestre atendeu renais crônicos durante três anos em Campinas. Ela explica que a melhor maneira de o doente e a família lidarem com a angústia por um transplante é aceitar a finitude da vida. Para Ana Claudia, a tênue linha entre a vida e a morte é o que mais aflige o paciente e, em muitos casos, os próprios médicos não se dão conta disso ou simplesmente ignoram. Mesmo assim, a psicóloga destaca um aspecto que pode ajudar e muito os pacientes: "A fé, seja a pessoa de que crença que for, é uma arma muito forte. Já constatei que aqueles que acreditam e têm esperança, a partir de uma força divina, conseguem lidar melhor com a situação e até se recuperam mais rápido".

Livro induz leitor à reflexão

Ana Claudia Conti Camara, Fernanda Junqueira Juliano e Vivianne Lindsay Cardoso, que assinam esta matéria sobre doação de órgãos no Jornal da Unicamp, são autoras do livro-reportagem *Reciclagem de Vida – O Transplante, Fatos e Relatos*, projeto experimental de conclusão do curso de jornalismo da PUC de Campinas, elaborado no final de 2000. O trabalho, orientado pelo professor Marcel Cheida, obteve a nota máxima.

O livro mostra o limiar da vida e da morte por meio de relatos de pessoas envolvidas com transplante e doação de órgãos, um processo de extrema complexidade que exige de todos fé, disciplina e amor à vida e ao próximo. O objetivo é fornecer aos leitores informações fundamentais sobre o tema, levando-os a uma decisão consciente quanto a se tornar doadores ou não de órgãos.

Os autores buscam patrocínio junto a laboratórios farmacêuticos e a publicação do livro por uma editora de Campinas.

Aqueles que vivem um dia de cada vez

Pedro Henrique Tinela, 23 anos, é um jovem paciente da hemodiálise. Quando essa entrevista foi feita, ele aguardava a segunda sessão no Hospital Irmãos Penteados, em Campinas, lendo um gibí do Chico Bento, ignorando inconscientemente o próprio estado de saúde. Tinha conhecimento há um ano da doença, que estava sendo controlada por meio da alimentação, até que o rim parou de funcionar definitivamente. Notícias sobre um transplante? Nenhuma. "Estou vivendo um dia de cada vez. Tento nem lembrar do rim", declarou o rapaz, que não consegue imaginar quanto um novo rim influenciaria em seu dia-a-dia. Hoje, o simples gesto de beber água exige obediência a critérios médicos, pois mesmo a ingestão do líquido presente em frutas, como melancia ou laranja, é rigorosamente controlada.

As sessões de hemodiálise acontecem três ve-

zes por semana e cada uma dura quatro horas. Essa rotina desgastante acaba fazendo com que a maioria dos renais crônicos seja aposentada por invalidez; é complicado trabalhar com horários fixos diante da inflexibilidade da rotina da hemodiálise. Muitos que sofrem de insuficiência renal exerciam atividades braçais e não podem mais fazê-lo, pois nos braços se localiza a fistula que liga a pessoa à máquina. Através da fistula o sangue é filtrado, limpo. Além disso, a rotina, a longo prazo, faz com que o paciente fique debilitado. "Há o enfraquecimento dos ossos e a própria insuficiência renal causa anemia", explica a enfermeira Maria Solange Alves da Silva, que trabalha no Instituto de Nefrologia de Campinas.

Diálises – Outra forma de tratamento dos renais crônicos é a diálise peritoneal, feita no

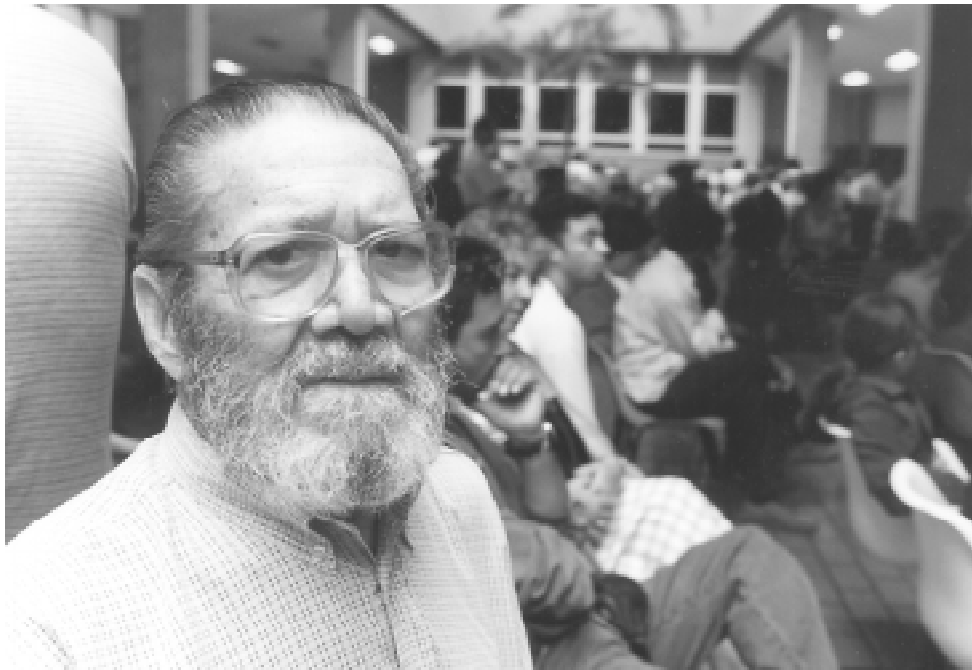
abdome por líquidos preparados com concentrações de glicose. A diálise pode ser peritoneal intermitente (DPI), feita no hospital três vezes por semana, obrigando a internação do paciente por 24 horas; outra é a diálise peritoneal ambulatorial contínua (CAPD), em que o próprio paciente faz a troca das bolsas, que pode ocorrer várias vezes ao dia, dependendo da quantidade de líquido infundida; por último, a diálise crônica (CCPD), que o paciente faz em casa, no período da noite.

Apesar do sofrimento, a hemodiálise é a forte aliada dos insuficientes renais, porque permite, em grande parte dos casos, que eles aguardem por longo tempo a doação de um rim. Para quem depende de outros órgãos, como coração ou fígado, a esperança é bem menor e muitos acabam morrendo na fila.

CONGRESSO
CONGRESSO

Salvo da amputação

Combinação de tratamento homeopático com antibióticos livra um senhor de ter a perna amputada



O comerciante Mário Salazar (esq.), 76 anos: tratado pela equipe do médico Milton de Souza (acima) depois de quase ter a perna amputada, promete dispensar as muletas

LUIZ SUGIMOTO

sugimoto@reitoria.unicamp.br

O comerciante Mário Salazar está hoje com 76 anos de idade. Em janeiro de 1999, deu entrada no Ambulatório de Cirurgia Vascular do Hospital das Clínicas apresentando uma lesão no tornozelo esquerdo, com exposição óssea. O quadro era agravado por insuficiência renal resultante de aterosclerose e de diabetes (doença da qual já havia tomado ciência há 10 anos). Pesava apenas 46 quilos. A arteriografia mostrou artérias femorais profundas e que a lesão evoluía para osteomielite e gangrena gasosa, estágios que antecedem o choque séptico e a morte. O serviço de ortopedia indicou, então, a conduta habitual para esses casos: amputação.

“Pedi ao médico que comunicasse o diagnóstico à minha família, eu não tive coragem”, relembra Salazar, que estava há dias internado, vendo sua perna piorar. Este senhor, hoje bem humorado, compareceu ao congresso *A Homeopatia no Século XXI* como personagem de um estudo de caso apresentado pelo médico Milton Lopes de Souza, docente do Depto de Clínica Médica da FCM, cuja equipe, do Ambulatório de Homeopatia do HC, livrou o paciente da amputação.

Segundo recorda o professor, Salazar sempre levou vida regrada, controlador de suas contas e menosprezava a doença a ponto de rir dela, apesar das dores. “Li livros durante a internação e incomodava-se com os estudantes, relutando em ser examinado”, conta Souza. Em abril de 99, o paciente começou um tratamento homeopático associado a antibióticos, recebendo doses repetidas de Silícea. Passou por uma drenagem cirúrgica e uma semana de curativos, tendo elevada a dose do medicamento homeopático de 12 para 18 gotas por dia.

Salazar recebeu alta hospitalar em junho, depois de uma angioplastia na artéria femoral e remoção de tecidos mortos. Em agosto, nova remoção de tecidos e, em setembro, um enxerto de pele. O próprio Ambulatório de Cirurgia Vascular, que havia indicado a amputação, avaliou em novembro que “a área de lesão mostra ótima cicatrização e tecido de granulação”.

Sob controle – Atualmente, Mário Salazar continua sob acompanhamento do Ambulatório de Homeopatia, com excelente evolução. “Só sobrou

A homeopatia como ciência

De 29 de novembro a 1º de dezembro pesquisadores brasileiros reuniram-se na Unicamp para debater a cientificidade da terapêutica homeopática, durante o congresso “A Homeopatia no Século XXI”. A comissão científica do evento foi presidida por Graciela Alicia Martínez, médica homeopata que integra o Grupo de Estudos Médicos Homeopáticos de Campinas (Gemhca).

De acordo com os organizadores, em dois séculos de existência, a homeopatia convenceu milhões de pacientes quanto a sua eficácia no combate a diversas enfermidades, como doenças alérgicas, bronquite e asma, depressão, ansiedade, insônia, enxaquecas, etc. A maior parte da comunidade científica, contudo, ainda considera que esses medicamentos, administrados em doses infinitesimais, não produzam efeito superior ao placebo, ou seja, da mera sugestão.

Os defensores da terapêutica sustentam que, mesmo sem esse reconhecimento científico, a homeopatia ocupa importante espaço na Europa, mobiliza milhões de pessoas em países como a Índia e, no Brasil, onde existem 15 mil médicos homeopatas, torna-se a cada dia uma importante especialidade médica. O encontro teve como objetivo contribuir para que a homeopatia.

Um convidado ilustre foi o professor Paolo Bellavite, catedrático da Universidade de Verona, na Itália, especialista em hematologia com doutorado em biologia molecular e pós-doutorado em biotecnologia. Uma de suas conferências teve o tema “Homeostasia na Medicina Integrada – Conceitos Atuais de Imunologia”. Bellavite dedica-se à pesquisa biomolecular e é autor de vários livros e artigos sobre a ação *in vitro* de remédios homeopáticos e a ação destes nos processos patológicos. Trabalha também com os conceitos da nova patologia e da nova imunologia relacionadas com os conhecimentos homeopáticos.

Na opinião do professor, a atitude de grande parte de cientistas é muito reducionista, acreditando ser até mesmo a pes-

um ‘furinho’ de nada”, afirmava Teresa, uma esposa zelosa, enquanto o paciente tirava as meias para mostrar a cicatriz. “Ele ainda vai tomar 10 gotas diárias de Silícea, durante 15 dias; depois, apenas 10 gotas por semana”, observou a mulher com alívio.

O médico Milton de Souza ressalta que o diabetes também está controlado, com doses mínimas de insulina, NPH – 14 UI ao dia, quando o paciente chegou a tomar 60. “Esse estudo de caso serve para mostrar, também, que os remédios alopáticos não neutralizam, necessariamente, o efeito da homeopatia. Em



Graciela Martínez: busca do reconhecimento científico

quisa biomolecular limitada para a compressão da saúde e da patologia do ser humano. Bellavite fez questão de participar do congresso na Unicamp por considerar que a medicina praticada no Brasil apresenta um alto nível de pesquisa, apesar da falta de recursos financeiros. Ele espera que o reconhecimento da homeopatia como ciência propicie a entrada de novos fundos de financiamento de pesquisas e seja importante não só para os profissionais da área, mas sobretudo para os que possam vir a se beneficiar com a terapêutica que cuida da saúde humana como um sistema biológico integrado.

Informações adicionais: www.gemhca.org.br

casos graves, os dois tratamentos podem ser sinérgicos”, acrescenta.

Salazar está pesando 64,5 quilos. Compareceu ao Congresso de Homeopatia num gesto de gratidão à equipe que o curou, mas o esforço foi grande e o cansaço impediu que assistisse à apresentação do estudo de caso. Detalhe importante: aquele senhor, que quase teve a perna amputada, entrou no Centro de Convenções caminhando, embora com auxílio de um ‘andador’. “Não consigo parar quieto. Logo, logo vou me livrar disso”, prometeu, apontando para as muletas.

VIOLÊNCIA
VIOLÊNCIA

ADRIANA MIRANDA
adriana@reitoria.unicamp.br

Adona de casa Vitória, de 42 anos, ainda se lembra como chegou há dois anos no SOS Ação Mulher e Família de Campinas. Era traída, maltratada pelo marido e dependia de calmantes para combater a depressão provocada pela violência sofrida dentro do próprio lar. Com Joana, de 50 anos, o problema não foi a violência física, mas a culpa por acreditar que não criou os filhos como devia. Depois que a filha caçula de 18 anos engravidou do namorado, Joana começou a se culpar e acabou desprezada pelo marido. “Ele nunca me bateu, mas não falava comigo. Agia como se eu fosse a responsável por tudo”, conta.

Apesar do sofrimento, Vitória e Joana (*nomes fictícios*) não se sentiam seguras para enfrentar a crise e lutar contra a violência física e verbal. Como milhares de outras mulheres acreditavam que um dia tudo iria mudar, que o tormento passaria. “Quando não me convencia disso, achava que estava condenada a sofrer”, confidencia Vitória. Hoje ela percebe ser impossível ver o marido mudado e carrega no coração o desejo de começar vida nova. “Tenho esperança. Quero deixar o meu marido e realizar meus sonhos”, diz.

Joana não tem pretensão de se separar, mas julga necessário estabelecer outro tipo de relação com o parceiro, onde as culpas sejam divididas. Para isso se apegou ao SOS Ação Mulher e à igreja. “Sou muito religiosa e o fato de a minha filha ter engravidado solteira me deixou triste”, confessa.

Mudar com pessoa não é tarefa fácil. Vitória admite que, embora mais confiante, ainda teme abandonar definitivamente o marido. “Penso nos filhos e no fato de que não sou mais jovem para arrumar um emprego, me sustentar e enfrentar o mundo sozinha”. São dúvidas que também perseguem Joana.

No SOS, elas aprendem aos poucos a expor e curar suas feridas. Aprendem a se gostar. Joana participa de oficinas de trabalhos manuais e Vitó-

Traídas, maltratadas, espancadas

SOS Ação Mulher e Família completa 20 anos de atendimento às vítimas da violência doméstica

ria aprendeu o ofício de manicure, além de receber orientação de advogados sobre como proceder caso realmente peça a separação.

Vitória resume o maior ensinamento que recebeu nos últimos dois anos em uma frase: “Não é normal apanhar e ser violentada”. A violência contra mulheres também esteve na pauta de discussões do seminário *Gênero & Cidadania Tolerância e Distribuição da Justiça*, ocorrido no início de dezembro na Unicamp (*páginas 8 e 9*).

História que se repete – Histórias como as de Vitória e Joana são repetidas todos os dias por donas de casa que sofrem violência doméstica ou sexual por parte dos companheiros, ouvidas com atenção pelos profissionais que atuam no SOS Ação Mulher e Família. A organização sem fins lucrativos, que em 1987 firmou convênio de cooperação com a Unicamp, completou em dezembro 20 anos de existência.

Maria José de Mattos Taube, feminista e diretora da entidade desde a fundação, afirma que nessas duas décadas houve erros e acertos, mas que a principal conquista foi a consolidação de um espaço onde as mulheres apresentam suas queixas, recebem apoio e

lutam para serem respeitadas. O SOS Ação Mulher e Família nasceu do SOS Mulher. O nome atual foi incorporado em 1992, como forma de ampliar a discussão sobre a questão, não apenas assistindo as vítimas, mas procurando inserir a violência doméstica e sexual como um problema social e de saúde pública, envolvendo mulher, família, entidades sociais e comunidade.

Maria José explica que outro objetivo é relacionar a violência familiar com a defesa da cidadania e dos direitos humanos, sob a ótica das relações sociais de gênero e dos papéis sexuais desiguais e discriminatórios na sociedade. O SOS, por meio do atendimento à mulher e à família, busca relações mais justas e complementares que tornem menos repetitivas histórias tristes como as de Vitória e Joana. Por isso, desenvolve programas preventivos e ações biopsicosociais e jurídicas.

Momento de reflexão - Para comemorar seus 20 anos, o SOS Ação Mulher e Família promoveu no dia 27 de novembro, na sede da Federação das Entidades Assistências de Campinas (Feac), o seminário “Quebrando silêncios... construindo mudanças”. Feministas e outros especialistas fizeram uma reflexão sobre lutas, conquistas e derrotas obtidas pelas mulheres, além de discutir caminhos por onde é possível e necessário avançar, já que as estatísticas mostram que a violência contra a mulher continua alta. A cada quatro minutos uma delas é espancada pelo parceiro.

A ex-senadora Eval Blay, professora da USP e presidente do 1º Conselho de Condição Feminina (1983 a 1985), lembrou que, se a agressão for denunciada, o problema tem solução. Ela relatou a trajetória de luta das mulheres, iniciada na década de 60. “A transformação ocorreu a fórceps. A gente foi abrindo portas. Falar sobre os direitos das mulheres durante a ditadura militar era considerado subversivo”, recorda. A professora considera que o Brasil ainda necessita da instituição “SOS Mulher” para tentar coibir esta violência.

Maria Teresa Augusti, secretária executiva do Instituto Florestan Fernandes e coordenadora do Instituto de Promoção da Equidade de Gênero, avalia



Maria José, do SOS: a violência doméstica como problema social e de saúde pública

que as mulheres têm muito o que conquistar na área de políticas públicas. “Continuamos brigando pelo emergencial. Falta discutir o estrutural”, alerta. Maria Teresa acusa a falta de infra-estrutura e de pessoal em organizações não-governamentais e órgãos oficiais de defesa das mulheres, o que demonstra a falta de atenção dos governantes para o problema. Ela questionou o nível de poder das mulheres na organização das políticas públicas, para concluir: “As relações hierárquicas seguem o mesmo modelo de décadas passadas”.

Também participaram do seminário como conferencistas a ex-procuradora geral do Estado de São Paulo e presidente da Oficina dos Direitos da Mulher, Norma Kyriakos, e a professora da Unicamp Celene Margarida Cruz, que representou no evento o Pró-Reitor de Extensão e Assuntos Comunitários (Preac), José Roberto Teixeira Mendes. Celene que é assessora da Preac, destacou que o SOS iniciou suas atividades no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH). Lembrou ainda que a Unicamp, atuando ao lado da ONG, cumpre sua função social e coloca-se a serviço do resgate da cidadania, em busca de uma sociedade mais justa.

Conquistas e lutas

1975 - Declarado pela ONU como Ano Internacional da Mulher, quando foi realizada a primeira Conferência Internacional sobre a Mulher e Desenvolvimento, na Cidade do México. A segunda conferência aconteceria em 1980, em Copenhague (Dinamarca), e a terceira em 1985, em Nairobi (Quênia).

1980 - Criado o SOS Mulher em São Paulo e Campinas.

1984 - Manifestações pela condenação de Lindomar Castilho, cantor que assassinou a ex-mulher Eliane de Grammont.

1985 - Criada em São Paulo a primeira Delegacia de Defesa da Mulher do Brasil.

1986 - Criado no Estado de São Paulo o primeiro abrigo do País para mulheres vítimas de violência.

1987 - SOS Ação Mulher e Família de Campinas assina convênio de cooperação com a Unicamp

1992 - Instalada na Câmara dos Deputados, em Brasília, a CPI da Violência contra a Mulher, que funcionou de maio a outubro daquele ano.

1993 - O movimento internacional de mulheres consegue colocar em destaque na Conferência Mundial de Direitos Humanos, realizada pela ONU em Viena, Áustria, a questão da violência na vida pública e privada.

1994 - Aprovada pela Assembléia Geral da Organização dos Estados Americanos (OEA) a Convenção Interamericana para prevenir, punir e erradicar a violência contra a mulher (Convenção de Belém do Pará).

1995 - Acontece a IV Conferência da Mulher, em Beijing, China, quando o Brasil é considerado o país onde mais se pratica violência contra a mulher, de acordo com relatório da America's Watch.

Diz a Lei

Espancamento – Crime de lesão corporal, segundo o Artigo 129 do Código Penal Brasileiro. A pena depende da gravidade da ocorrência.

Lesão corporal de natureza leve – Ofender a integridade corporal e a saúde de outrem. Pena de até um ano de reclusão.

Lesão corporal de natureza grave – Causar incapacidade para ocupações usuais por mais de 30 dias; colocar em perigo de vida; debilitar permanentemente membro, sentido ou função; acelerar o parto. Pena de um a cinco anos de reclusão.

Lesão corporal de natureza gravíssima – Causar deformidade permanente, aborto, incapacidade permanente para o trabalho, enfermidade incurável, perda ou inutilização de membro, sentido ou função. Pena de dois a oito anos de reclusão.

Um homossexual é morto a cada 48 horas no Brasil

A violência contra uma minoria que representa 10% da população

ADRIANA MIRANDA
adriana@reitoria.unicamp.br

A cada dois dias um homossexual é assassinado no Brasil. Só no ano passado foram registrados 160 casos graves de violação dos direitos humanos e a morte de 130 gays, lésbicas, travestis e transexuais, todos vítimas da homofobia. São números que dão ao País o título de campeão mundial de assassinatos contra homossexuais, segundo Luiz Mott, professor do Departamento de Antropologia da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e presidente do Grupo Gay da Bahia (GGB).

O levantamento foi feito pelo GGB, entidade sem fins lucrativos que em fevereiro deste ano completou 20 anos, e as informações integram o dossiê *Violação dos Direitos Humanos e Assassinato de Homossexuais no Brasil*. Os homossexuais, de acordo com Mott, representam aproximadamente 10% da população brasileira – mais de 15 milhões de pessoas.

Luiz Mott, que foi professor do Departamento de Antropologia da Unicamp, esteve na Universidade nos dias 5 e 6 de dezembro, como ouvinte e palestrante do seminário “Gênero & Cidadania – Tolerância e Distribuição da Justiça”, organizado pelo Núcleo de Estudos de Gênero (Pagu). *Por que os homossexuais são os mais discriminados dentre todas as minorias sociais do Brasil?* foi o tema abordado por Mott.

Jornal da Unicamp - Por que os homossexuais são os mais discriminados entre as minorias?

Luiz Mott – A homossexualidade era considerada um dos crimes mais graves, mais hediondos, equiparado a matar o rei, até 1823, quando no Código Penal Brasileiro deixou de constar a sodomia. A homossexualidade também era tida como causa de castigos divinos: a Igreja difundia a idéia de que Deus punia a humanidade com inundações, secas, etc. A própria Aids seria um castigo divino por causa da homossexualidade. Segundo Freud, todos nós temos um componente bissexual na nossa personalidade: 37% dos homens do ocidente já tiveram ao menos dois orgasmos com pessoas do mesmo sexo na idade adulta. A homossexualidade é forte no imaginário e na cultura do ocidente. Ao mesmo tempo é vista como crime grave. Isso gera uma homofobia internalizada, cria o ódio contra os homossexuais que tiveram a coragem de sair da gaveta, enquanto aqueles que estão internalizados ficam com ódio porque estão presos nesta gaveta. É um conflito que provoca espinhas, prisão de ventre e outras neuroses.

P – Onde começa a discriminação contra o homossexual?

R – Dentro de casa, o que é um dos problemas fundamentais. Quando o pai descobre que o filho é gay ou lésbica, insulta, espanca, expulsa de casa. Por outro lado, as outras crianças e adolescentes, negros, judeus e deficientes físicos recebem dos pais todo o apoio para reforçar a auto-estima e a identidade racial ou religiosa.

P – Quais são os tipos de violência praticados com maior frequência contra os homossexuais?

R – A violência começa pela própria omissão da mídia, que não noticia eventos importantes sobre a homossexualidade. A violência também é verbal, na rua, nas escolas e nos meios de comunicação, que

Luiz Mott, presidente do Grupo Gay da Bahia: violência começa pela omissão por parte da mídia



ainda se referem aos homossexuais com termos pejorativos ou caricatos. Há discriminação em locais públicos. Travestis são proibidos de entrar em shopping center. Eles não podem servir o exército e, se descobertos, acabam expulsos. A igreja não permite a entrada de homossexuais. Fisicamente, os homossexuais são espancados pela polícia, porque na visão da polícia e da Justiça o gay é sempre um suspeito, mesmo que seja a vítima de algum ato ilícito. Mas a violência mais grave são os assassinatos e nisso o Brasil é o campeão mundial: a cada dois dias um gay, uma lésbica ou um travesti são mortos, vítimas da homofobia.

P – O senhor sabe informar quantos homossexuais foram assassinados este ano?

R – O Grupo Gay da Bahia, desde sua criação, vem coletando notícias sobre assassinatos de homossexuais. Infelizmente, não existe no Brasil uma estatística sobre o chamado “crime de ódio”, como acontece nos Estados Unidos e na Austrália. Temos de nos valer do noticiário na imprensa ou até de informações orais para este levantamento. Nos últimos vinte anos documentamos 1.830 assassinatos de homossexuais. Este número talvez represente só a metade dos casos, pois não cobre todos os estados e não temos acesso a todos os jornais. Muitos homossexuais também têm sua opção sexual omitida na imprensa, por orientação da família ou por desconhecimento da polícia. Na década de 80 a média era de um assassinato a cada semana; na década de 90, um a cada três dias; e, em 1999, um a cada dois dias. No ano passado, 199 homossexuais foram assassinados, sobretudo gays, seguidos de travestis e por menor número as lésbicas. Em 2000, até o novembro, foram 98 assassinatos.

P – Qual estado ou região onde se registra mais violência?

R – Em todos os estados e regiões existem crimes homofóbicos. São Paulo apresenta mais ocorrências por causa da própria densidade populacional, vindo depois o Rio de Janeiro. Um detalhe é que em terceiro lugar está Pernambuco, que não é o terceiro estado mais populoso, mas onde ocorreu o maior número de assassinatos nos últimos três anos. Isso mostra que ali existe uma forte discriminação contra os homossexuais.

P – Quais medidas são necessárias para acabar com esta violência?

R – Primeiramente, severidade por parte da polícia e da Justiça em averiguar, julgar e punir exemplarmente esses crimes. Em segundo lugar, a educação sexual obrigatória em todos os níveis escolares, ensinando os jovens a respeitar a livre orientação sexual dos indivíduos e a ver os homossexuais como cidadãos. A terceira medida é conscientizar a própria comunidade homossexual para que denuncie todas as violações dos seus direitos e grite. O grito é a arma dos oprimidos. Essas propostas foram apresentadas ao Ministério da Justiça.

Travesti em atividade nas ruas de Campinas: insultos verbais da população e espancamentos pela polícia



Dez verdades pregadas pelo GGB

1 – A homossexualidade não é crime. Nenhuma lei no Brasil condena a prática da homossexualidade. Crime é discriminar os gays, lésbicas e travestis.

2 – Ser homossexual não é doença. Todas as ciências garantem: é normal ser homossexual. Querer “curar” o homossexual é ignorância.

3 – A homossexualidade não é pecado. Os gays e lésbicas também se amam e foram criados por Deus. Jesus nunca condenou os homossexuais.

4 – A homossexualidade sempre existiu. O amor homossexual é tão antigo quanto a própria humanidade e nunca vai acabar.

5 – Todos os povos praticam homoerotismo.

Em muitas tribos indígenas e africanas os sacerdotes e as próprias divindades são homossexuais.

6 – A homossexualidade é natural. Inúmeras espécies animais praticam homossexualismo. Os gays não ameaçam a extinção da espécie humana.

7 – A causa da homossexualidade é um mistério. Não distingue físico e a mente do gay dos demais cidadãos. Todos somos seres humanos.

8 – A Constituição Federal proíbe qualquer forma de discriminação. O preconceito contra gays, lésbicas e travestis é um tipo de racismo.

9 – A Aids não é doença de gay. A Aids se

transmite através do sangue, esperma e secreção vaginal. Só pratique sexo sem risco: use camisinha!

10 – Homens e mulheres célebres que praticaram o homoerotismo ou foram travestis: Rei Davi e Jônatas, Platão, Leonardo da Vinci, Joana Darc, Shakespeare, Miguel Ângelo, Mário de Andrade, Santos Dumont, Safo, Imperatriz Leopoldina, Maria Quitéria, Martina Navratilova, Marina Lima, Mazaropi, Carmem Miranda, Elton John, Angela Rorô e Cazuza.

Grupo Gay da Bahia (GGB)

Caixa Postal 2552 – 40022-260

Salvador, Bahia

Fones: (0xx71) 322-3782, 322-2552

VIOLÊNCIA
VIOLÊNCIA

Ex-subsecretário de Segurança do Rio, que mora nos EUA por causa de ameaças, lança livro na Unicamp

ADRIANA MIRANDA

Um pacto em nome da unidade e contra a barbárie. É o que prega o ex-subsecretário de Segurança Pública e ex-coordenador de Segurança, Justiça, Defesa Civil e Cidadania do Rio de Janeiro, Luiz Eduardo Soares, para acabar com a verdadeira “guerra urbana” em um dos estados mais violentos do Brasil. Morando há dez meses nos Estados Unidos – o que define como um “exílio voluntário”, embora se saiba das ameaças de morte que vinha sofrendo –, o antropólogo e cientista político esteve na Unicamp nos dias 5 e 6 de dezembro, participando do seminário *Gênero & Cidadania – Tolerância e Distribuição da Justiça*, promovido pelo Núcleo de Estudos de Gênero (Pagu).

Ele aproveitou a ocasião para lançar seu nono livro, talvez o mais importante de todos, no qual faz um relato de seu dia-a-dia nos bastidores do governo e da segurança pública. Momentos de alegria, tristeza e traições. Em *Meu Casaco de General – Quinzentos Dias no Front da Segurança Pública no Rio de Janeiro* (Companhia das Letras, R\$ 35,00), Soares não poupa críticas ao governador e policiais de alto escalão. Logo na apresentação, o autor, que foi professor da Unicamp, deixa claro que o livro é um “atestado de teimosia”.

O antropólogo julga a segurança pública um assunto sério demais para ser largado nas mãos da polícia. Fala com conhecimento de causa, tanto teórico como prático. Em seu vasto currículo pesam ações e teses detalhadas sobre a problemática da violência e o real papel da segurança pública. Enquanto esteve no governo do Rio, Soa-

Pacto contra a barbárie



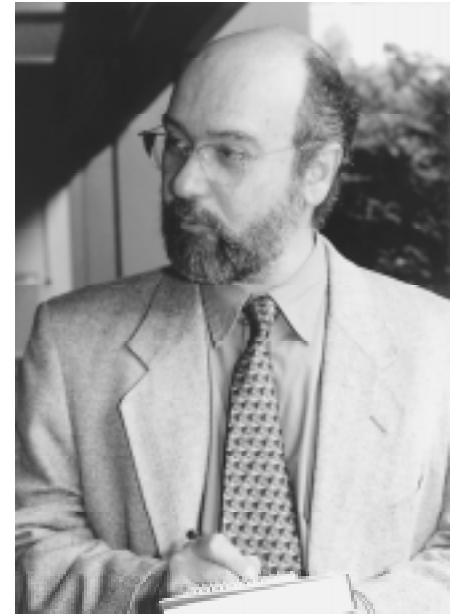
ARTE: OSÉAS

res denunciou a “banda podre” da polícia e enfrentou a ira de setores conservadores da instituição. Os “500 dias no front de Anthony Garotinho” terminaram em 17 de março de 2000, quando o professor foi demitido em frente às câmaras de televisão, durante uma entrevista do governador a um *telejornal* da *Globo*.

Logo após a demissão, Soares mudou-se para os Estados Unidos com a mulher, a também antropóloga Barbara Musemeci, e as duas filhas. Ele estava recebendo ameaças mesmo antes da saída do governo e achou melhor partir para garantir a integridade física da família. Barbara participou igualmente do governo do Rio de Janeiro, como subsecretária adjunta da Subsecretaria de

Pesquisa e Cidadania, deixando o cargo para acompanhar o marido. Ela esteve na Unicamp participando do seminário e falou sobre “Antropologia no Executivo: possibilidades e limites”.

Desejo de voltar – Luiz Eduardo Soares confidenciou durante a palestra que não é fácil recomeçar a vida em outro país. “Contamos os dias para voltar”, disse. O retorno ao Brasil está condicionado a não morar no Rio de Janeiro. Segundo o antropólogo, o estado vive uma grave crise, particularmente na Polícia Civil, cuja estrutura tentou mudar de forma persistente enquanto esteve no governo. “É necessário que as forças políticas procurem formar um grande pacto de unidade, em



Soares: livro é um atestado de teimosia

defesa da civilização e contra a barbárie. Um pacto que dê sustentação efetiva à implantação de projetos radicais de reforma da polícia”.

Soares foi questionado se a chamada banda podre da política poderia estar envolvida na nova onda de violência no Rio, com explosões de granadas, inclusive em porta de delegacia. “Não sei se é o caso deste episódio, mas setores policiais minoritários são de fato criminosos e agem de forma terrorista. Isso, infelizmente, não é novidade”, respondeu. Para ele, as granadas são apenas as manifestações mais visíveis de procedimentos que, no passado, se apresentavam de outras maneiras, como assassinatos que atribui a policiais corruptos com o propósito de desestabilizar projetos de reforma da polícia. Entre suas propostas estavam a modernização e moralização da política de segurança. “Há décadas a polícia está desmoralizada frente à população”, acrescentou.

Governador ambíguo – Soares define o governador Garotinho como ambíguo, acusando-o de se aliar a setores conservadores da polícia, ao invés de combater sem medo a chamada banda podre. “2000 foi o ano da conciliação, em que o governador manteve viva a chama da esperança acenando com os projetos de reforma, quando na prática esteve ao lado dos conservadores. Óleo e água não se casam, não combinam”, afirmou.

De acordo com o antropólogo, a opção do governador terá de ser por enfrentar de fato o problema do corporativismo, executando uma reforma estrutural constante e promovendo uma nova seleção de todos os policiais. “Dessa forma ele ganhará o apoio dos setores mais responsáveis da sociedade e, quem sabe, será capaz de promover uma aliança mais ampla, uma grande coalizão. O governador vem adotando a punição individualizada de policiais, mas não é esta a melhor forma de combate”.

Soares admite que, bem ou mal, Garotinho tem se esforçado para transformar as instituições policiais. “São conhecidas as minhas divergências com o governador, mas devo reconhecer que este governo tem procurado mexer no vespeiro”, disse. Ele insiste, contudo, na formação do pacto, cuja efetização depende da vontade política e da disposição dos diversos setores da sociedade. Enquanto não se cria o clima para a grande coalizão, o professor e a família permanecem no exterior.

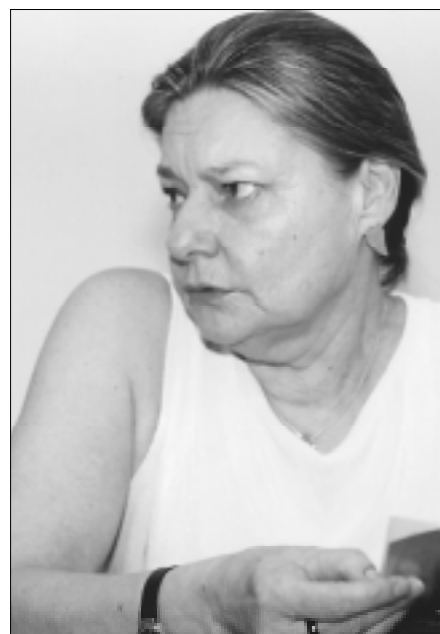
Maior alvo são as minorias

A violência contra minorias esteve no centro das discussões na Unicamp por dois dias (5 e 6 de dezembro). O seminário *Gênero & Cidadania – Tolerância e Distribuição da Justiça*, coordenado pela professora Mariza Corrêa, do Núcleo de Estudos de Gênero (Pagu), reuniu os maiores pesquisadores do Brasil no assunto, além de delegadas dos direitos da mulher e autoridades da sociedade civil. O seminário fez parte do projeto de mesmo nome apoiado pela Fundação Ford, sob coordenação da professora Guita Grin Debert.

A presença de tantos especialistas atraiu inclusive o ministro da Justiça, José Gregori, presente ao primeiro dia do evento para uma reunião fechada em que se discutiu propostas de combate a um dos problemas mais graves

do País. A violência contra minorias foi abordada sob o ponto de vista das mulheres, negros e homossexuais, com apresentação de diversas pesquisas sobre o tema e a discussão de propostas para fazer cumprir os direitos humanos.

Quatro mesas-redondas foram organizadas, com coordenação das professoras ligadas ao Pagu: Maria Filomena Gregori, Mariza Corrêa, Guita Grin Debert, Maria Margaret Lopes e Adriana Piscitelli. Entre os palestrantes estiveram os professores Lia Zanotta Machado (UnB), Heleieth Saffiotti (PUC-SP) e Sérgio Adorno (USP), além de Solange Jurema, do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher, e da coordenadora das Delegacias de Defesa da Mulher do Estado de São Paulo, Maria Inês Valente.



Mariza, do Pagu: estudiosos de todo o País

Talento

Abandonado

A história de Flávio, garoto que vive num barraco, pinta quadros para fugir de seu mundo e ama mitologia grega

A luz da manhã de dezembro entra pelas frestas da parede e dá um pouco mais de luminosidade ao barraco 89. É mais um, em uma viela que ironicamente se chama Recanto da Fortuna. São 10 horas. Flávio, de 13 anos, está com os olhos grudados na televisão. Ao lado do irmão Jadilson, três anos mais velho, assiste a um desses desenhos modernos em que os heróis são um misto de gente, robô e bicho. A favela fica ao lado do Jardim São Marcos, um dos bairros mais violentos da zona norte de Campinas.

Os dois garotos moram em um barraco simples, com o pai Aduino Gonçalves. A cobertura da casa é de telhas de amianto. O piso, de chão batido. É um cômodo único, que não chega a 20 metros quadrados. O ambiente é dividido pelos móveis: num canto estão as camas, noutra uma mesa e o guarda-roupas. Tudo muito simples, rústico. Revela a pobreza material de um país que abandona sua gente, seus talentos.

Flávio é um desses talentos abandonados. O garoto tem uma habilidade nata para a pintura. Descobriu o dom há quatro anos pelas mãos da professora Silvana. Tinha acabado de se matricular na Direito de Ser, uma Organização Não-Governamental (ONG) que dá assistência às crianças e adolescentes da região do São Marcos. Até então, passara despercebido pelas escolas públicas, era mais uma criança carente nas estatísticas oficiais.

O curioso é que Flávio só foi para a Direito de Ser porque sua mãe não o queria nas ruas. Dona Maria Marques de Oliveira - que morreu em julho passado - sabia o que estava fazendo. Ela viu seu primogênito, Antônio, ser assassinado aos 19 anos. Era 96. Eles ainda moravam no Jardim Ângela, a



Flávio, concentrado na tela, no barraco do São Marcos: "Quando pinto, saio deste mundo"



Retocando rosas: preferência por natureza morta. No destaque, tela colocada por Flávio no amário por falta de espaço no barraco

área mais violenta da Capital. "Estava envolvido com más companhias", diz o pai, que não gosta de tocar no assunto. Ameaçada, a família se mudou para Campinas. Seo Aduino conseguiu vaga como auxiliar de limpeza na Ceasa, onde ficou até o ano passado. Hoje, está aposentado por invalidez e sustenta os dois meninos com uma pensão de R\$ 180,00. Aos 60 anos, tem a saúde frágil, já passou por duas cirurgias e aguarda vaga para enfrentar mais uma. Faz o que pode para manter os dois filhos longe das ruas.

Fala mansa, mãos ágeis - Flávio é um garoto tímido, mas de um sorriso que fascina já ao primeiro contato. Usa brincos na orelha esquerda. São duas argolas. Tem o hábito de roer as unhas ou morder a roupa enquanto conversa, talvez para esconder a timidez. Tem a voz mansa, um brilho nos olhos. Gosta de novidades, de ouvir histórias, em especial sobre mitologia grega e história da arte. Mostra, com orgulho, alguns livros que ganhou de presente nas últimas semanas. Garante que lê tudo e quer mais. Tem sede de conhecimento. Desde março passado, conta com a ajuda valiosa do filósofo Rogério Alessandro de Mello Basali, 26 anos, aluno especial do mestrado de Filosofia da Unicamp. Ele passou a dar aulas ao menino em sua casa, em Barão Geraldo. Ensina noções básicas de arte e introduz o garoto no mundo dos deuses gregos e suas façanhas. Também foi o responsável pela organização da primeira exposição de Flávio, realizada em um condomínio de Sumaré.

Há uma razão para gostar de mitologia? A pergunta fica no ar, Flávio pensa alguns segundos e explica: "Gostava muito do Hércules, por causa dos desenhos, e o pessoal da Di-



SOCIEDADE
SOCIEDADE

reito de Ser disse que era um herói grego. Me contaram a história, fiquei fascinado. Daí, passaram a me ensinar mais sobre o assunto". Mas reconhece, sem jeito, pouco saber das lendas tupiniquins, como Saci Pererê, Mula sem Cabeça ou Curupira. Logo emenda: gosta de ler livros que o ensinam sobre pintura. Diz reconhecer e gostar das obras de Van Gogh, Monet, Picasso e Portinari.

Natureza morta, solidão criativa - "Tenho muito a aprender", diz. O garoto começou pintando paisagens e alguns animais, como cavalos. Aos poucos, foi tomando gosto por outros estilos, como natureza morta, sua paixão atual e para qual canaliza suas energi-

as. Flávio prefere pintar no cair da tarde e à noite. "É quando posso ficar sozinho, pois muita gente passa em casa durante o dia. Quando pinto, saio deste mundo, fico longe", conta ele.

O ato de pintar ficou mais fácil no último mês. Flávio juntou as economias e comprou seu primeiro cavalete. Gastou R\$ 24,00. Agora, pode se dedicar às telas com maior conforto. Antes, pintava com as telas mal ajeitadas em uma mesa. Apesar da pequena melhoria, o adolescente ainda trabalha sem as condições ideais para quem precisa estar bem e criar, para transportar às telas o que pulsa em seu coração.

A falta de um local ideal para desenvolver seu talento é flagrante. O pequeno armário onde eram guardadas

as painéis de alumínio é usado agora para abrigar suas telas, uma sobre a outra. Já as painéis ficam amontoadas sobre uma pia desativada e passaram a ser lavadas em um tanque improvisado em um dos cantos do barraco. Também não há espaço nas paredes para deixar seu trabalho exposto. No lugar, só imagens de Nossa Senhora, Santo Expedito e São Jorge. Flávio é um garoto religioso e freqüenta a Igreja Católica do São Marcos. Sua devoção por santos pode ser notada ainda pelo pingente de São José que carrega no peito. Aliás, usa parte do tempo dos últimos dias para atender a um pedido de uma pessoa da igreja: está pintando um quadro com a imagem de Nossa Senhora. Faz com gosto.

15 minutos de fama e a realidade

O que o garoto Flávio Gonçalves quer no momento é pintar, pintar, pintar. Sabe que precisa gastar muita tinta e pincel para encontrar um estilo próprio, que o caracterize, que o projete além fronteiras do Recanto da Fortuna. Flávio já teve seus 15 minutos de fama, como diria Andy Warhol. Foi um dos entrevistados de um programa sobre crianças superdotadas exibido recentemente pelo *Globo Repórter*, da Rede Globo.

Antes do programa de TV, Flávio também tinha sido citado em uma reportagem do jornal *Folha de São Paulo*. O título da matéria era "O país desperdiça seus gênios". Foi justamente aí que Rogério Basali, mestrandando em Filosofia da Unicamp, entrou na vida do garoto. "Fiquei impressionado e decidi procurá-lo. Primeiro, passei por uma entrevista com os coordenadores do Direito de Ser e, só depois, me apresentaram o Flávio", conta Rogério.

E o filósofo tem sido a grande companhia de Flávio nos últimos tempos. Além de ensinar o bê-a-bá sobre mitologia, leva o garoto para visitar exposições e dá dicas para a promissora carreira. Foi Rogério quem teve a idéia de expor as telas de Flávio em Sumaré. Além de mostrar o seu trabalho ao público, o garoto conseguiu vender duas telas pequenas, a R\$ 30,00 cada. Está radiante! O dinheiro foi todo usado para comprar telas, tinta e pincéis. Sim, este é mais um dos problemas enfrentados pelo pequeno pintor: a falta de dinheiro para a compra dos materiais básicos. Para não ficar parado, muitas vezes conta com a ajuda de Rogério que, em contato com amigos do mundo artístico, já socorreu Flávio em vários momentos.

"Quero ajudar porque o Flávio é um diamante bruto. Ele precisa de apoio para desenvolver seu talento", fala. Rogério pretende cada vez mais colocar Flávio nas rodas artísticas de Campinas. Já articula uma grande exposição em uma galeria do distrito de Barão Geraldo.

Alguns rabiscos, só elogios - Flávio é um aluno aplicado na escola, tira boas notas e não tem problemas de disciplina. Acaba de ser aprovado para a 8ª série. A lembrança mais remota que tem dos bancos escolares é desenhando e rabiscando em todo papel branco que via pela frente. Sempre recebia elogios. "Meus amigos e professores diziam que desenhava bem. Ficava orgulhoso", recorda. E só. O talento para a pintura só viria a ser descoberto mesmo na Direito de Ser. Foi lá que teve contato pela primeira vez com tintas e pincéis. Tudo pelas mãos da professora Silvana, de quem sente saudades, embora não se lembre do seu sobrenome.

"Ela casou e foi para o Rio de Janeiro. Nunca mais a vi", diz. "Acho que ela ficaria orgulhosa em me ver agora", completa. Flávio lembra das primeiras aulas: era uma turma de oito alunos, mas poucos perseveraram. Tiveram noções sobre pintura durante dois anos. Hoje, ele ainda freqüenta a entidade.

O talento e a dedicação de Flávio à pintura são um diferencial, mas ele é um garoto como outro qualquer. Gosta de futebol e de desenhos animados na TV, ouve *rap* e paquera as meninas da escola. Tem uma paixão, que prefere não dizer, mas fez questão de gravar as iniciais em uma das madeiras do barraco. Está lá, ao lado de uma colcha de retalhos pendurada na parede.

A paixão de escola ainda não inspirou Flávio a ponto de immortalizar a amada em uma tela. Por enquanto, só a natureza morta, mesmo. Está concluindo um quadro onde aparecem algumas rosas vermelhas. Cores que parecem iluminar o barraco onde o menino vai lapidando seu talento. É assim que ele foge do mundo real, desse país do desgoverno e da corrupção, onde sobra muito pouco para investir em educação, diversão e arte.



O primeiro cavalete, comprado no último mês: pintando com mais conforto, ao cair da tarde ou à noite



Uma exposição em Sumaré e tentativas de entrar no circuito de Campinas: 'Ainda tenho muito a aprender'

A gente vai querer comida

MANUEL ALVES FILHO
manuel@reitoria.unicamp.br

Um dos assuntos que mais têm preocupado a população mundial nos últimos anos, o meio ambiente, foi o tema central da terceira sessão de palestras dos Seminários de Atualização, ocorrida no dia 11 de novembro. O evento, promovido pela Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários (Preac) da Unicamp, é dirigido a professores das redes públicas municipal e estadual de ensino. Aproximadamente 700 desses docentes compareceram ao Centro de Convenções para acompanhar as explanações dos especialistas da Universidade.

O professor do Instituto de Geociências (IG), Archimedes Perez, que falou sobre meio ambiente e ensino, ressaltou a importância de abordar as questões relacionadas à natureza em sala de aula. “Vejo a possibilidade de trabalhar a temática ambiental de maneira transversal, mesmo que não seja de forma interdisciplinar”, disse. Um exemplo disso, ressaltou o docente, foi o Vestibular 2000 da Unicamp, que teve como tema central a água.

Segundo Perez, só é possível entender o meio ambiente a partir da relação do homem com a natureza. Dentro desta perspectiva, ele chamou a atenção da platéia para a problemática do consumo desordenado dos recursos naturais. Desde que o homem desenvolveu a agricultura, há 10 mil anos, as demandas por alimento, para ficar num único exemplo, não pararam de crescer.

Conforme o professor do IG, havia a previsão de que na década de 70 a produção de comida não seria suficiente para atender a população mundial, que alcançou a marca de 4 bilhões de pessoas. Graças ao uso da tecnologia, a profecia não se concretizou. As projeções atuais dão conta de que não deverá faltar alimento até 2050. Mas apesar disso, a questão do abastecimento mundial está longe de ser resolvida. Perez destacou que o crescimento populacional e a má distribuição de riquezas fazem com que a fome seja um flagelo presente no cotidiano de pelo menos 800 milhões de cidadãos, a maioria do 3º Mundo.

Essa situação deve se agravar ainda mais daqui a 50 anos, quando o mundo terá perto de 8,8 bilhões de habitantes. A projeção leva em conta o índice médio de crescimento das populações ricas e pobres, que é da ordem de 0,7% e 2,1% por ano, respectivamente. O especialista da Unicamp advertiu, porém, que o avanço populacional não pode ser medido apenas pelo número de pessoas. O principal dado, segundo Perez, é a proporção do consumo dos recursos naturais.

Hoje, o morador de um país subdesenvolvido responde por

O homem desenvolveu a agricultura há 10 mil anos. Dentro de 50 anos, a escassez de alimentos vai afligir a humanidade

uma taxa de consumo 18 vezes menor do que a de quem vive numa nação do 1º Mundo. Isso significa que, embora formem um maior contingente, os habitantes dos países periféricos exercem uma pressão menor sobre a natureza do que aqueles que vivem nas nações centrais. Dois dos grandes desafios da humanidade, lembrou o professor, residem em promover a distribuição dessas riquezas de forma mais justa e em estabelecer ações que assegurem o desenvolvimento sustentável.

Transgênicos - Os alimentos também permearam outras duas palestras dos Seminários de Atualização. O docente do Instituto de Biologia, Octávio Henrique Pavan, falou sobre organismos transgênicos, assunto que tem gerado muita polêmica ultimamente. Segundo ele, há três aspectos que precisam ser analisados antes da sociedade decidir se deve ou não adotá-los: o técnico, o industrial e o ambiental.

De acordo com Pavan, um dos primeiros passos é tirar a ciência dos laboratórios e levá-la para os vários segmentos da comunidade. Os professores das redes públicas de ensino, disse, têm papel fundamental nesse esforço, pois são elementos multiplicadores do conhecimento. “É preciso que as pessoas entendam que a ciência é perfeitamente questionável. Ela não resolve problemas, mas ajuda na tomada de decisões”, disse.

Para facilitar o entendimento, o especialista distribuiu duas cartilhas dirigidas a estudantes do ensino médio e fundamental ao público. Ambas explicavam, de maneira simples e didática, o que é um organismo geneticamente modificado. Conforme Pavan, o conceito de genética surgiu em 1906. Quatorze anos depois, os cientistas já estimulavam a mutação de plantas por meio da radiação.

Em 1970, os pesquisadores promoveram, pela primeira vez, o cruzamento de duas espécies diferentes e obtiveram o milho híbrido.

Passados oito anos, o cromossomo de uma planta foi transferido para uma outra. Usando as técnicas de melhoramento genético, os cientistas produziram, em 1999, o arroz dourado, considerado um dos maiores avanços nessa área. Todos esses experimentos tinham um único objetivo: obter plantas mais produtivas e resistentes a pragas e doenças.

Os trabalhos nessa área estão obtendo bons resultados. A soja transgênica, por exemplo, reduz a necessidade da aplicação de herbicidas. O milho e o algodão, por sua vez, resistem melhor aos ataques de insetos. Já o arroz dourado exige menos cuidados e é mais produtivo que o convencional. Para produzi-lo, foram consumidos sete anos e US\$ 2,6 milhões em pesquisas. Os recursos foram bancados pela iniciativa privada.

De acordo com o professor do Instituto de Biologia, esses avanços se revestem de maior importância quando confrontados com a realidade mundial. Em 2020, afirmou, a demanda por comida no planeta será 50% superior à atual. Os moradores da Europa, EUA e Japão não passarão fome. O mesmo, porém, não ocorrerá com os habitantes da África.

Archimedes Perez, professor do Instituto de Geociências: questão do abastecimento está longe de ser resolvida



“Hoje em dia, 3 bilhões de pessoas do mundo têm o arroz como base da alimentação. Desse contingente, 10% não consome outra coisa”,

revelou o professor. Neste cenário, concluiu Pavan, o uso dos organismos transgênicos tende a tornar-se indispensável para garantir o abastecimento da população. Mas o pesquisador adverte que, a despeito dessa necessidade, alguns aspectos merecerem uma reflexão mais aprofundada.

Os organismos geneticamente modificados geram, por exemplo, questionamentos de ordem ética e ambiental. Segundo ele, já se cogita colocar o gen de um peixe em determinadas plantas, de modo a impedir que estas se congelem em países cujo clima é muito frio. Além disso, há o risco da chamada poluição genética. Ou seja, uma planta transgênica pode ter o pólen carregado pelo vento e contaminar outras espécies.

“Por esses motivos é que os organismos geneticamente modificados não podem ser analisados somente sob o ponto de vista dos xiitas da indústria ou dos ecoterroristas. É preciso informar corretamente a sociedade sobre os diversos aspectos da questão, para que ela tome a sua decisão”, defendeu Pavan.

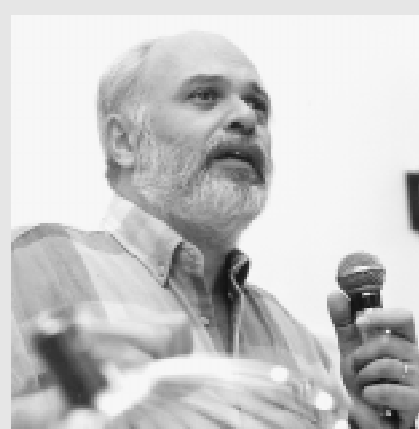
Nutrição - A outra palestra do evento foi ministrada pela diretora da Faculdade de Engenharia de Alimentos (FEA), Cláucia Maria Pastore. Ela falou sobre os aspectos nutricionais dos alimentos. De acordo com ela, uma das maiores preocupações da atualidade tem sido substituir os aditivos químicos por naturais nos produtos industrializados. A professora também chamou a atenção para a necessidade de as pessoas manterem uma dieta diversificada.

Gláucia discordou do segmento que considera o carboidrato um vilão. Consumido moderadamente, segundo a professora, esse tipo de alimento traz benefícios para o organismo. A diretora da FEA também falou sobre os chamados alimentos funcionais, que, além de nutrir, ajudam a prevenir e a combater doenças degenerativas. Como exemplos, a professora citou a banana, a cevada, o mel, o alho e a cebola. Os dois últimos, segundo diversas pesquisas, são efetivos na prevenção de males como artrite, asma, bronquite, reumatismo e até a hipertensão.

Gláucia Maria Pastore, diretora da Faculdade de Engenharia de Alimentos: pela dieta diversificada



Octávio Henrique Pavan, professor do Instituto de Biologia: a ciência é perfeitamente questionável



ENSINO
ENSINO

Falou, está escrito

Linguísta pede que professor respeite vivência oral do aluno

PAULO C. NASCIMENTO
pcn@correionet.com.br

O respeito à oralidade da criança e do adolescente, no ensino formal da língua, foi defendido pelo professor de semântica e análise do discurso João Wanderley Geraldi, do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Unicamp. Ele falou sobre culturas orais e culturas letradas a professores da rede pública durante a série de Seminários de Atualização organizada pela Reitoria. Lembrou que apesar de fortemente influenciada pela escrita, a cultura brasileira é fundamentalmente oral, e essa particularidade não pode ser ignorada pelos professores nas salas de aula.

Segundo Geraldi – que é autor de livros sobre o ensino de língua portuguesa e atua nesta área em projetos de formação continuada de professores –, o aprendizado será mais enriquecedor se a vivência oral do estudante for respeitada durante os processos de aquisição da modalidade escrita. “Talvez precisemos aprender que nossos alunos podem fazer com a escrita coisas diferentes do que nós, como representantes da sociedade letrada, pensemos que deva ser feito. É necessário respeitar seus modos de construção e de utilização enquanto usuários de uma escrita”, argumenta.

A oralidade com características mais puras, isenta da contaminação da escrita – que os pesquisadores classifi-



Geraldi, do IEL:
a cultura brasileira é fundamentalmente oral e essa particularidade não pode ser ignorada pelos professores em sala de aula

Dessa forma, explica, a “cidade letrada” se constituiu desde cedo, entre nós, não como algo que emerge de um processo histórico, mas que é implantado e funciona como uma espécie de anel em torno do poder e da propriedade, formado por “muros invisíveis do letramento”.

Embora não seja mais uma sociedade puramente oral, é possível reconhecer a presença de uma cultura oral na sociedade brasileira letrada, pondera Geraldi. Basta observar algumas das nossas experiências pessoais. Quando vamos a uma repartição pública não ficamos totalmente satisfeitos se o funcionário apenas nos entrega um folheto para ler as informações solicitadas; preferimos que ele diga logo o que desejamos saber. Outro exemplo: o canal mais costumeiramente utilizado para manifestação de críticas é a piada; e a pi-

cam de primária e imediata –, perde-se na história brasileira com a fundação das primeiras cidades, observa Geraldi. No Brasil, em movimento contrário ao que ocorreu na Europa, as grandes cidades não emergiram a partir do interior; elas foram fundadas em cima de projetos e instruções pré-concebidos – portanto, a partir de uma escrita pré-existente – e é em função delas que o interior se desenvolve. Esse fenômeno trouxe implícito a imposição de uma sociedade letrada à cultura do país.

ada não se lê, se ouve de um bom contador de piadas, que deve ter o desempenho oral necessário para provocar risos com a anedota.

Veias capilares – Portanto, a necessidade de respeitar a cultura intrínseca de cada estudante – na qual se inclui sua vivência oral – mostra-se particularmente útil quando se analisa o trabalho de professores que atuam com a integração de crianças de rua ao sistema escolar, em unidades da periferia. Segundo Geraldi, o fato de uma criança de 13 anos não ser alfabetizada, não implica que deva ser incluída na mesma classe de estudantes de sete anos, por exemplo. “O que ela deseja, o que ela pensa, a sua experiência de vida na pré-adolescência, que sem dúvida é diferente de quem está na infância, é muito mais importante”, ressalta. “Nesse aspecto, o convívio de um estudante de 13 anos com um de sete é absolutamente inadequado.”

Entretanto, o professor pondera que os educadores têm dificuldades em se aprofundar na história de seus educandos. “Nossa sociedade criou uma clivagem de tal ordem que, mesmo trabalhando em uma escola de bairro, dificilmente conseguimos penetrar pelas veias capilares por onde o bairro realmente se constrói. Tentar descobrir o que se fala, se narra, se conta nesses meandros, que cultura de sobrevivência aí se instaura, é uma grande dificuldade para nós letrados.”

Seminários de Atualização atraem média de 1.500 professores dos ensinos fundamental e médio

Uma média de mais de 1.500 participantes e um total de 31 docentes da Unicamp envolvidos nos Colóquios e Seminários de Atualização organizados pela Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários (Preac) da Unicamp. Este é o saldo de uma das atividades realizadas em um ano e meio do Projeto Brasil 500 anos, encerrado no início de dezembro, e que teve como objetivo difundir os conhecimentos gerados na Universidade para professores do ensino fundamental e médio de escolas das redes pública e particular.

O projeto foi coordenado pelas professoras Celene Margarida Cruz e Lúcia Pereira da Silva, nomeadas pelo reitor Hermano Tavares para integrar a Comissão Brasil 500 Anos. Celene afirma que a série contou com palestrantes do mais alto nível. “Pudemos neste ano e meio oferecer aos professores da rede conhecimentos antes restritos à própria academia”, afirma, festejando o sucesso comprovado pela grande adesão. “Recebemos professores de Campinas, região e até de outros estados”, destaca a coordenadora.

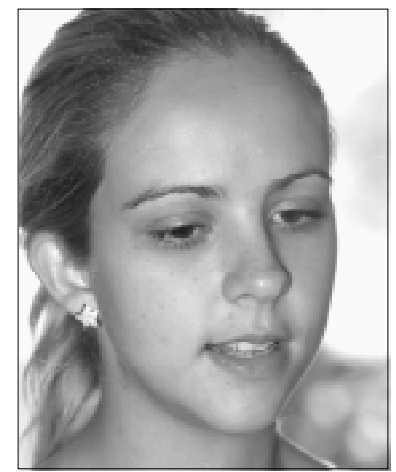
Professores elogiam – O público que assistiu aos Seminários de Atualização ressaltou a importância desse tipo de programa para o aperfeiçoamento dos professores. “Acho essa iniciativa ótima, pois ajuda a tirar várias de nossas dúvidas. Não é sempre que temos a oportunidade de participar de cursos desse nível”, afirmou Célia Regina Ferreira, professora do Estado e do Sesi. De acordo com ela, o fato de os especi-



Célia Regina: tirando várias dúvidas



Celene: um serviço à sociedade



Raquel: assuntos para sala de aula

alistas abordarem temas atuais é outro aspecto positivo.

Para Maria Paula Surian, que dá aula numa escola estadual do Jardim Campos Elíseos, na periferia de Campinas, as palestras foram muito produtivas. “O seminário que tratou de políticas públicas foi maravilhoso”, disse. Outra professora pública, Raquel Silva Mascara Ruthes, considerou a experiência excelente. “Mesmo não sendo da nossa área específica, essas palestras nos ajudam muito. Vários dos assuntos discutidos aqui certamente podem ser colocados em prática dentro da sala de aula”, afirmou.

Seqüência em 2001 – “O projeto teve como objetivo princi-

palmente a capacitação dos professores da rede pública”, esclarece Celene. Ela lembrou que antes a realização desses seminários dependia de convênios entre a Unicamp e a Secretaria de Educação do Estado de São Paulo ou prefeituras municipais. “A preocupação em oferecer este serviço partiu exclusivamente da Universidade.

Devido ao sucesso este projeto terá continuidade em 2001, não mais sob a rubrica de Brasil 500 Anos, mas sim de Projetos Especiais. A comissão está sendo nomeada pelo reitor. Dela farão parte, além de Celene e Lúcia, os professores Edson Corrêa da Silva, Paulo Miceli e Octávio Henrique Pavan.

Dó dos bichanos

Próximas vacinas exigirão menos sacrifícios de animais

RAQUEL DO CARMO SANTOS

kel@obelix.unicamp.br

Para se testar uma vacina contra poliomielite, é preciso matar 30 macacos. A produção anual da vacina anti-rábica canina impõe o sacrifício de um milhão de camundongos. A insulina é fabricada a partir do pâncreas do porco e uma grande quantidade de coelhos e cães também é utilizada em experimentos. São números que fazem arrepiar qualquer membro de sociedade protetora dos animais, mas tolerados diante do objetivo maior de salvar vidas humanas.

As vacinas para as próximas gerações exigirão menos animais em experiências de laboratório. Esta foi uma das avaliações apresentadas durante o Cobeia 2000, organizado pelo Colégio Brasileiro de Experimentação Animal, realizado no início de dezembro no Centro de Convenções da Unicamp. Segundo o pesquisador Jean-Louis Guénet, do Instituto Pasteur de Paris, as novas vacinas são elaboradas a partir de moléculas sintéticas que permitem a produção em grande escala de um mesmo tipo de proteína. "Isto significa a possibilidade de obter milhões de doses de altíssima qualidade com um sacrifício mínimo de animais. No mercado internacional já é possível encontrar alguns tipos de vacinas sintéticas. Ela é mais eficaz e as possibilidades de erro na manipulação são mínimas", assegura o cientista.

Para oferecer uma idéia da eficácia deste tipo de vacina, a parasitologista Ana Maria Guaraldo, diretora do Centro de Bioterismo (Cemib) da Unicamp e uma das organizadoras do evento, lembra o episódio ocorrido em 1996, quando dezenas de crianças de Campinas foram acometidas de febre causada por vacina não sintética contra a meningite. O efeito colateral deveu-se a um pirógeno encontrado nos lotes de vacina testada em animais. Durante os experimentos não foram detectadas anormalidades, pois não se tratavam de animais livres de patógenos específicos. Outros lotes, de fabricação francesa, não provocaram febre porque eram sintéticas. Vacinas são elaboradas a partir da identificação do gene da proteína que induz a produção de anticorpos, garantindo a proteção eficaz.

A utilização de animais na pesquisa, porém, está longe de ser eliminada definitivamente. "O desenvolvimento da ciência necessita de animais. É impossível deixar de realizar os testes, mesmo por-



Técnico do Cemib: pesquisas sobre a doença de Chagas

que eles são obrigatórios por lei", afirma Guénet. De acordo com ele, as áreas de farmacologia e imunologia são as que mais se utilizam de sacrifício de animais para experimentos científicos e os mais comuns são camundongos, ratos, coelhos, primatas, cães e porcos, por possuírem patologia e fisiologia semelhante à do homem.

Exemplos – O teste para a vacina da poliomielite é responsável pela morte de aproximadamente 30 macacos porque todo o sistema nervoso precisa ser observado. No caso da anti-rábica canina, os camundongos têm três dias de nascimento por causa da falta da "bainha de mielina". Seu cérebro é usado para compor a vacina.

Ana Maria reconhece que em muitos casos os testes são cruéis. Afirma que a Inglaterra já proibiu os experimentos em animais para produção de cosméticos. Embora seja uma questão polêmica, a justificativa para os sacrifícios é óbvia. "Os experimentos em animais permitem evitar, prevenir e curar uma série de doenças que levariam o ser humano à morte", afirma Jean-Louis Guénet. Ele ainda vai buscar outro argumento, na Suíça – país com população de classe alta, sensível e grau moral elevado –, onde foi votada a proposta de acabar com a experimentação animal. Surpreendentemente, a grande maioria apoiou a manutenção dos testes.

No Cobeia 2000 foram apresentados vários méto-

dos alternativos. Por meio de simulações em computadores, gráficos, desenvolvimento de softwares e citotoxicidade em cultura de células, pode-se minimizar o sacrifício de animais de laboratório. Nas salas de aula da Unicamp há muito não se utiliza cobaias para ensinar ao aluno de graduação como se dá o choque anafilático. Esta aula é exibida em vídeo.

Jean-Louis Guénet: "Vacina sintética é mais eficaz"



Ana Maria (abaixo): "Testes são cruéis em muitos casos"



Na pista do camundongo

O Centro de Bioterismo da Unicamp (Cemib) está na pista de um animal que seja resistente à doença de Chagas, mal que acomete entre três milhões e oito milhões de brasileiros e é transmitido pelo inseto conhecido como "barbeiro". Tendo sucesso, os pesquisadores poderão identificar e clonar o gene, produzindo a proteína que protege o organismo humano contra a doença e assim evitar a contaminação pelo parasita protozoário *Trypanosoma cruzi*. O Cemib está trabalhando há três anos na pesquisa, em parceria com o Instituto Pasteur, havendo uma estimativa otimista de concluí-la em mais dois anos.

"O trabalho não é fácil. É muito demorado e complexo", diz a parasitologista Ana Maria Guaraldo, diretora do Cemib. Ela explica que estão sendo feitos cruzamentos seletivos para se obter um animal congênito, mais precisamente um camundongo que tenha os genes de resistência. "Isso se consegue depois de aproximadamente 12 gerações", informa. A pesquisadora acrescenta que depois de realizar um cruzamento, espera-se o nascimento dos filhotes para então verificar se eles são ou não resistentes. "O desafio é que o animal geralmente morre depois de infectado pelo *Trypanosoma cruzi*, quando precisa estar vivo para as pesquisas".

Ao final deste "trabalho de formiguinha", o resultado será um animal que nunca vai se contaminar com a doença. "Isso traria novas esperanças para os doentes de Chagas. Sem exageros, poderíamos até chegar a uma terapia gênica da enfermidade". Ana Maria ressalta que ela e seus colegas não estariam em um grau tão avançado do estudo sem a persistência do imunologista Humberto de Araújo Rangel, criador do Cemib e hoje professor aposentado da Unicamp. "Ele na verdade foi o grande incentivador do projeto". Outros dois pesquisadores, Júlia Sakurada e Luiz Augusto Corrêa Passos, trabalham diretamente na pesquisa genética da resistência do camundongo ao *Trypanosoma cruzi*.

PARA
ANUNCIAR NO
**JORNAL
DA UNICAMP**
LIGUE:
FONE/FAX:
3239-0962
CEL. 9705-1916

COSTUMES
COSTUMES

CORPOLATRIA

O professor de educação física deve tentar formar alunos menos suscetíveis à moda do culto ao corpo

PAULO CÉSAR NASCIMENTO
pcn@correionet.com.br

Desde que apareceu nua nas páginas de recente edição de uma revista masculina, a apresentadora de TV e ex-dançarina Carla Perez foi transformada no mais novo (e cobiçado) ícone da febre nacional do culto ao corpo. O alvoroço nem foi tanto pela exibição de suas curvas, que empapuçaram os leitores em três outras edições da publicação, mas sim pelo novo *design* apresentado. Nariz, seios, barriga, cintura e coxas não eram mais os mesmos de há três anos. Sim, ali estava uma nova mulher, esculpida com bisturi e próteses de silicone. A mídia, com o estardalhaço que lhe é peculiar nessas ocasiões, lançou seus holofotes sobre a moça recauchutada e até cunhou um novo verbo, “carlaperizar”, ou seja, ajeitar o corpo a seu gosto, tal como fez a esguia loira.

Em uma sociedade em que homens e mulheres passaram a ser valorizados pelos centímetros a mais ou a menos revelados pela fita métrica, o fenômeno Carla Perez é apenas mais um exemplo da desmedida busca e exaltação do corpo perfeito. Antes dela outras beldades, como a apresentadora Xuxa Meneghel e a modelo Joana “Feiticeira” Prado, estiveram em evidência por terem seus atributos físicos aperfeiçoados em mesas cirúrgicas. O sexo masculino também deixou-se seduzir por esse encanto: os homens respondem por cerca de 30% das quase 400 mil cirurgias plásticas realizadas no país este ano, segundo a Sociedade Brasileira de Cirurgias Plásticas.

Convém lembrar que as clínicas de cirurgia plástica são apenas um elo dessa extensa cadeia que é a milionária indústria da beleza. Academias de ginástica, clínicas para emagrecimento, laboratórios que fabricam e vendem produtos para dietas alimentares (de procedência e efeitos não raro duvidosos), confecções e lojas de roupas (já reparou que a maioria só tem aqueles modelos bem justos?), fabricantes de cosméticos e de próteses de silicone prosperam em nome da vaidade.

Psicólogos, sociólogos e médicos, entre outros especialistas, debruçaram-se sobre o tema e não é de hoje que advertem para os efeitos colaterais da volúpia por corpos considerados perfeitos e saudáveis, especialmente entre os jovens. São notórias, particularmente nos bastidores de concursos de modelo, as histórias de meninas que entraram em depressão – e arriscaram a vida com insanos regimes de emagrecimento – após constatar na balança insuportáveis quilogramas a mais em seu peso.

Olhar antropológico – Para o professor Jocimar Daolio, da Faculdade de Educação Física (FEF) da Unicamp, os jovens devem assumir postura mais crítica em relação à “corpolatria”. E, tanto quanto os pais, são os professores, especialmente os de educação física, responsáveis por formar entre seus alunos cidadãos menos suscetíveis à onda do culto ao corpo. Porém, não é o que ocorre nas quadras poliesportivas das escolas. Segundo ele, a educação física tem cometido o equívoco de reforçar a padronização corporal ao manter uma prática cujo referencial ainda é, primordialmente, biológico.

“A prática desta matéria curricular parece apresentar dificuldades em lidar com as diferenças apresentadas pelos alunos. Uma educação física escolar que considere o princípio da alteridade saberá reconhecer as diferenças não só físicas, mas também culturais expressas pelos alunos”, argumenta Jocimar, que pesquisou, com um inovador “olhar antropológico”, a atuação dos professores da disciplina da rede pública. O estudo,



originalmente realizado para sua dissertação de mestrado, transformou-se depois no livro *Da Cultura do Corpo*.

Modelo malha em academia: os riscos na busca do corpo perfeito

Recado aos colegas – Graduado em educação física e psicologia pela Universidade de São Paulo (USP), mestre e doutor em educação física, Jocimar falava em auditório lotado por professores da rede pública, durante os Seminários de Atualização oferecidos pela Reitoria da Unicamp. Ele defende uma revisão do papel de seus colegas de educação física. Segundo ele, a prática pedagógica dos professores, de maneira geral, ainda se caracteriza pela busca de um tipo de treinamento ideal para todo um grupo, pelo desejo de uma classe homogênea de alunos, pelo destaque da melhoria da aptidão física como objetivo de ensino.

“Em outras palavras, os alunos devem correr o mesmo número de voltas, fazer tantas repetições do mesmo exercício, saltar a mesma metragem. Vemos professores realizando testes físicos no início e ao final de um período letivo para verificar o progresso dos alunos em termos de força, velocidade, resistência e flexibilidade corporais. O nível do grupo é, então, determinado em virtude desses critérios de aptidão física e as atividades propostas seguirão esses parâmetros. Alguns professores chegam mesmo a defender a formação de turmas em virtude do biotipo dos alunos, independente da idade que eles tenham e da série que estejam cursando.”

A técnica de ‘plantar bananeira’

Jocimar Daolio, docente da Unicamp, adverte que, sem conseguir compreender as técnicas corporais como integrantes de uma realidade sociocultural, os professores de educação física possivelmente não terão condições de entender os movimentos corporais como símbolos sociais e sua prática correrá sérios riscos de se desvincular do contexto de vida dos alunos.

“Um exemplo dessa tendência ocorre quando o professor, em uma escola da periferia, tenta ensinar a “parada de mãos” e desconsidera que os alunos, em sua grande maioria, sabem “plantar bananei-

ra”. São técnicas corporais parecidas. A primeira faz parte de um conhecimento sistematizado de uma modalidade esportiva e, a segunda, de um conhecimento corporal popular”, ilustra.

Daolio observa que a história da educação física no Brasil oferece subsídios que ajudam a entender como os professores atuais reproduzem, no seu cotidiano, ideais e valores do final do século 19, período a partir do qual a atividade desenvolveu-se no país e foi grandemente influenciada pelas Forças Armadas, pela eugenia e pela chamada Medicina Higienista. Somente a partir do início da década

de 1980, com a redemocratização do país, é que a educação física começou a ser discutida de forma mais contundente, levando ao reconhecimento de que sua prática escolar é problemática e visando a uma redefinição de seus objetivos, conteúdos e métodos de trabalho.

De acordo com Jocimar, mesmo se o professor percebe que os corpos diferem entre si, a explicação tende a ser em virtude da natureza do corpo e não das especificidades socioculturais que podem ter gerado diferenças corporais. “É como se, para o professor, existissem corpos naturalmente melhores,

mais fortes, mais capazes e, em contraposição, corpos naturalmente piores, mais fracos, menos capazes.”

Para não se tornar vítima e reproduzidor de modismos, o professor de educação física, na opinião de Jocimar, deve saber considerar as diferenças culturais existentes entre seus alunos.

Segundo ele, é possível afirmar que um professor da disciplina, atento ao alcance cultural de sua prática, tem mais condições de realizar um trabalho competente, por encontrar-se conectado com a realidade sociocultural em que vive.

A metamorfose do futebol

Brasil mantém o brilho dentro do gramado, mas fora dele tropeça nas próprias pernas

ROBERTO COSTA
rcosta@obelix.unicamp.br

O Brasil é o único tetracampeão mundial de seleções e, em quatro anos da última década, teve Ronaldinho (duas vezes), Romário e Rivaldo eleitos pela Fifa os melhores jogadores do planeta. A cada temporada continuam surgindo novos craques, vendidos por

grandes fortunas para clubes do exterior. Contudo, fora das quatro linhas, o futebol brasileiro não mostra o mesmo brilho em termos de organização. Ingressa no novo milênio sob investigação de Comissões Parlamentares de Inquérito (CPIs), sendo o alvo principal justamente a Confederação Brasileira de Futebol (CBF), entidade que dirige seu destino, por causa de suspeitas em torno de contrato firmado com uma multinacional de material esportivo, a Nike. Existem ainda as sucessivas medidas cautelares nas Justiças Desportiva e Comum, decorrentes

de “viradas de mesa” por parte de cartolas responsáveis por um campeonato nacional que nunca tem data certa para começar ou terminar.

Marcelo Weishaupt Proni, do Instituto de Economia da Unicamp, aponta como saída para a crise a consolidação de um novo modelo organizacional de futebol – ainda incipiente no País, mas já consolidado na Europa – que possibilite a transformação de clubes deficitários em empresas rentáveis, seguindo parâmetros éticos. A criação de uma liga nacional liderada pelo Clube dos 13 e já ensaiada algumas vezes, sem ingerência da CBF (que cuidaria da seleção nacional), é uma tendência quase natural, segundo Proni. Mas ele alerta que isso traria problemas sérios para a base da pirâmide, pois centenas de clubes tenderiam a retroceder ao amadorismo em poucos anos, por não conseguirem se sustentar no novo modelo predominante. Cita o exemplo do Estado de São Paulo, onde exis-



Marcelo Proni: “Muitos times vão falir”

Bate-bola com Raí

Marcelo Proni (foto), como todo garoto, sempre gostou de bater sua bolinha. Aos 16 anos de idade persistia como volante e vira-e-mexe disputava jogos com outras equipes de Ribeirão Preto. Cruzou algumas vezes com um garoto esguio, um ano mais novo, do time adversário. “Geralmente o time dele ganhava”, reconhecesse Proni, referindo-se a Raí, ainda desconhecido na época. Eram inimigos no campo, mas ambos torciam juntos pelo Botafogo da cidade. Raí saiu de Ribeirão para brilhar no São Paulo campeão do mundo, na Seleção Brasileira e em Paris. Marcelo abriu pé dos gramados para dar passadas na Economia, mas mantém o futebol como uma das frentes de seu trabalho diário.



Jovens treinam em escola de futebol: novos craques, velhos vícios

tem cinco divisões. “Em poucos anos muitos times estarão falindo nas divisões inferiores”, prevê o economista. Ele acredita que, se não houver mudanças na legislação, alguns clubes da terceira e a quase totalidade das quarta e quinta divisões voltarão ao chamado “futebol de várzea”. Estando o futebol paulista ameaçado por tal risco, em outros estados a incerteza levará incontáveis equipes à dissolução.

Tese em livro – Marcelo Proni não pode ser chamado de analista de arquibancada, apesar da injusta acusação à maioria dos torcedores de serem movidos pela paixão e de não conhecerem a fundo o futebol. Pesquisador do Centro de Estudos de Economia Sindical e do Trabalho (Cesit), seu estudo desenvolvido junto à Faculdade de Educação Física da Unicamp resultou na tese de doutorado “Esporte-espetáculo e futebol-empresa”, defendida em 1988 e orientada pelo professor Ademir Gebara. Proni aprofundou alguns pontos da tese, que lançou no formato de livro, *A metamorfose do futebol*, com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp). No prefácio, o jornalista Juca Kfoury qualifica o estudo de “a mais completa e competente análise do verdadeiro parto que tem caracterizado o processo de modernização do futebol brasileiro”. (Continua na página 17)



Serviço

A Metamorfose do Futebol
Autor: Marcelo Weishaupt Proni
Instituto de Economia/Fapesp
Preços: R\$ 20,00 nas livrarias e R\$ 12,00 no IE
Fone: (19) 3788-5708

Iniciativa privada alavanca o esporte

Natural de Ribeirão Preto (SP) e formado pela Unicamp em 1985, o economista Marcelo Proni, em *A metamorfose do futebol*, retorna à Inglaterra do século passado para relembrar o surgimento de um novo esporte naquele país. Traça um perfil do futebol daquele período até os dias de hoje, sempre com ênfase para a profissionalização e o aspecto econômico, deixando de lado as táticas e técnicas que poderiam ser melhor exploradas pelos pesquisadores em educação física.

Proni constata que criou-se nos Estados Unidos, nos anos 70, o primeiro modelo efetivo de marketing esportivo na modalidade. A National American Soccer League, fundada em 1967, progrediu grandemente na década seguinte, fazendo aportar em gramados norte-americanos astros do esporte como Pelé, Beckenbauer e Cruyff, enquanto o New York Cosmos tornava-se clube padrão em organização e eficiência econômica. Entretanto, sem raízes no futebol, os EUA viram o final desta grande fase em 1984, quando a liga tornou-se deficitária e acabou extinta.

Paralelamente, o brasileiro João Havelange introduziu na Fifa, ainda nos anos 70, os conceitos de parceria e patrocínio, aliando-se a Adidas e Coca-Cola, que permitiram à entidade alcançar países onde o futebol tinha pouca projeção e ajudaram o dirigente a expandir seu domínio político, que durou décadas. O advento da televisão em cores na Copa do Mundo de 70, no México, e as transmissões via satélite foram outros fatores que contribuíram para a expansão econômica do futebol mundo afora.

Na Itália, onde os clubes acumulavam dívidas com a previdência e foram acusados de lavar dinheiro da Máfia, o governo adotou mudanças drásticas, em 1981, tentando reverter a situação e abrindo a possibilidade de formação das primeiras empresas. Somado a isso, alguns clubes conseguiram patrocínios fortes, como os 800 mil dólares anuais pagos à Juventus pela Ariston, fabricante de cozinhas e eletrodomésticos, e os 400 mil dólares da Pooh Jones, fabricante de roupas jovens, que se associou ao Milan. O impulso econômico também se estenderia à Ale-

manha, onde o Bayern de Munique obteve apoio de 400 mil dólares da Magyruz Deutz, empresa de equipamentos pesados. A nova ordem passou a favorecer clubes e ligas desses países e também da Espanha, França e Holanda.

Nossos exemplos – No Brasil a participação da iniciativa privada foi pequena na década de 80, mas tornou-se importante a partir dos anos 90, principalmente com a associação da Parmalat ao Palmeiras, o que tirou o time de um jejum de muitos anos sem títulos. Parceira semelhante levou o São Paulo a grandes conquistas no início da década, como o bicampeonato mundial de clubes, embora ainda fossem menos frutos do espírito “futebol-empresa” e mais da organização dos dirigentes e principalmente do trabalho do abnegado técnico Telê Santana. Para completar o quadro dos anos 90, não se pode esquecer do Corinthians e sua associação com o grupo Excell, numa primeira série de títulos, e a mais recente com o grupo Hicks Muse.

ESPORTE
ESPORTE

Clubes brasileiros precisam de criatividade

O economista Marcelo Proni, do Cesit, não acredita em um padrão de futebol-empresa a ser seguido no Brasil, inspirado em modelos existentes na Europa, mas na criatividade para encontrar um caminho próprio. Confia em uma legislação visando adequar situações e possibilidades do futebol brasileiro, sintetizadas na Lei Zico, primeiro embrião, e na Lei Pelé, atualmente em vigor. Há muita controvérsia quanto à aplicação destas leis: clubes tentam defender seu patrimônio representado pela relação de jogadores que podem render lucros, en-

quanto o outro lado defende um mercado de trabalho justo para os atletas.

A principal polêmica está na "lei do passe", cuja aplicação sofre constantes adiamentos. A Lei Pelé estabelece que, encerrado seu contrato, o jogador está livre para mudar de clube. Mas é com base na propriedade do passe que clubes gastam fortunas para comprar grandes craques e impõem contratos de muitos anos com essas estrelas. Nada impede, porém, as transferências quando pagas as multas contratuais.

Um modelo de clube bem sucedido, hoje, é o Manchester United, da Inglaterra, que em 1992 lançou suas ações na bolsa. Em 1999, acumulou os títulos de campeão mundial de clubes, campeão inglês e campeão europeu. Por causa desta organização é o clube mais rico do mundo. Seu patrimônio duplicou entre 1988 e 2000, fruto da renovação de contrato com as emissoras de televisão e dos contratos publicitários, que valorizaram suas ações.

Marcelo Proni acredita que no Brasil é preciso encontrar fontes perenes de receitas para os clubes. Os direitos de transmissão vêm crescendo,

mas continuam longe dos padrões europeus. "Aqui, recebe-se entre um terço e um quinto do que se paga por um campeonato na Europa", compara.

A venda de jogos de futebol pelo sistema *pay-per-view* é um sistema que também cresce nos países do primeiro mundo, rendendo novas receitas, mas que ainda engatinha no Brasil. A busca de outras fontes alternativas é outra saída para os clubes, segundo o economista. Ele cita os exemplos de Corinthians e Flamengo, que incluíram nas negociações com seus gestores a construção de estádios de futebol a longo prazo, o que seria inviável sem recursos de patrocínio.

Na linha futebol-empresa já há uma "S.A." no País, caso do Bahia. Recentemente, falou-se muito no Malutron do Paraná, equipe de propriedade de alguns sócios e que acabou disputando com outros quinze times a fase decisiva da Copa João Havelange. Marcelo Proni lembra que o Malutron é um dos clubes já adaptados ao novo modelo vigente. Da mesma forma, o São Caetano chegou à final do Campeonato Brasileiro graças a investimentos maciços nos últimos anos e a uma política de manutenção da filosofia de trabalho.

Infelizmente, poucos clubes daqui obterão grandes fortunas para contratações, como acontece hoje com Barcelona e Real Madrid, na Espanha, e boa parte das equipes da Itália, França e Inglaterra. Mesmo com a organização de clubes-empresas, o Brasil continuará pensando para segurar seus craques. O êxodo de jogadores, prevê o economista Marcelo Proni, vai perdurar por alguns anos.

Os times mais rentáveis (2000)

Posição da equipe	País	Faturamento/Ano
1. Manchester United	Inglaterra	US\$ 156,9 milhões
2. Bayern Munique	Alemanha	US\$ 118,2 milhões
3. Real Madrid	Espanha	US\$ 107,7 milhões
4. Chelsea	Inglaterra	US\$ 83,6 milhões
5. Juventus	Itália	US\$ 82,8 milhões
6. Barcelona	Espanha	US\$ 78,8 milhões
7. Milan	Itália	US\$ 76,6 milhões
8. Lazio	Itália	US\$ 70,8 milhões
9. Internazionale	Itália	US\$ 69,5 milhões
10. Arsenal	Inglaterra	US\$ 68,8 milhões

Fonte: Deloitte Touche

LANÇAMENTOS

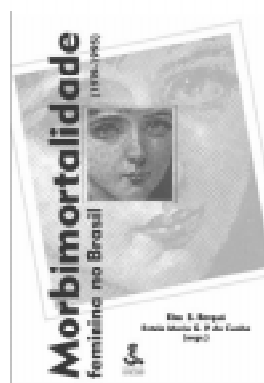


PROMOÇÃO DE FÉRIAS

No mês de janeiro,
30% de desconto
na compra dos
livros publicados pela
Editora da Unicamp,
exclusivamente nas

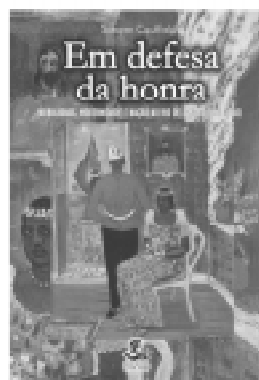
LIVRARIAS DA EDITORA DA UNICAMP

BIBLIOTECA CENTRAL
(19) 3788-7030
CICLO BÁSICO
(19) 3788-7740

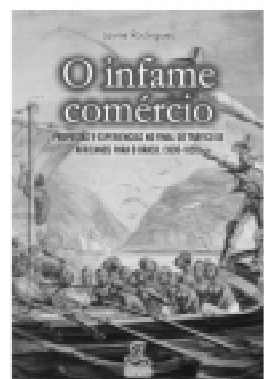


MORBIMORTALIDADE FEMININA NO BRASIL (1979 - 1995)
Eliza S. Denquó
Estela Maria G. P. da Cunha (orgs.)
15 x 23 cm
413 páginas
R\$ 49,80

CONHEÇA A
PAPELARIA DA LIVRARIA
DO CICLO BÁSICO DA
EDITORA DA UNICAMP



EM DEFESA DA HONRA
Moralidade, modernidade e
nação no Rio de Janeiro
(1918-1940)
Susan Caulfield
Co-edição Cecult-IFCH
14 x 21 cm
393 páginas
R\$ 29,90



O INFAME COMÉRCIO
Propostas e experiências
no final do tráfico de africanos
para o Brasil (1800-1850)
Jaime Rodrigues
Co-edição Cecult-IFCH
14 x 21 cm
238 páginas
R\$ 19,90



GESTÃO OPERACIONAL DA QUALIDADE
Uma abordagem prática e
abrangente no setor florestal
Aicir Ribeiro Carneiro de Almeida
14 x 21 cm
128 páginas
R\$ 14,80

À venda nas melhores livrarias do País ou pelos telefones (19) 3788-1094/1096/1097 – www.editora.unicamp.br

Ao prêmio Jabuti

Editora da Unicamp tem 18 títulos concorrendo em 7 categorias

A Editora da Unicamp teve 18 livros indicados para concorrer ao Prêmio Jabuti 2001, em sete de suas 16 categorias. O Jabuti, outorgado pela Câmara Brasileira do Livro (CBL) para os livros inéditos publicados no período de novembro de 1999 a novembro de 2000, é um dos prêmios mais importantes da literatura brasileira.

Os títulos indicados serão apreciados por uma comissão julgadora formada por intelectuais, jornalistas e críticos literários que escolherão dez obras classificadas para a segunda fase do concurso. Desses semifinalistas, apenas três irão para a final, sendo que o vencedor só será conhecido no dia 17 de maio de 2001, durante a Bienal Internacional do Livro do Rio de Janeiro.

Dos 18 livros concorrentes, nove foram indicados pela Editora da Unicamp, seis pela Imprensa Oficial do Estado (Imesp) e três pela Editora Moderna, co-editoras nas publicações.

A seleção foi elaborada pelo diretor da Editora, Luiz Fernando Milanez, e pelo professor Ricardo Antunes, membro do Conselho Editorial. Desde sua fundação, a Editora da Unicamp já ganhou 9 prêmios Jabuti.

ERRATA

Diferentemente do que foi publicado na edição de dezembro do Jornal da Unicamp, o livro de Italo Tronca, *As Máscaras do Medo*, não é finalista do Prêmio Jabuti. Ele é um dos indicados para concorrer ao prêmio, sendo que os finalistas só serão conhecidos alguns dias antes da Bienal Internacional do Livro do Rio de Janeiro, em maio próximo.

Livros indicados

■ Grupos teatrais – anos 70
Autora: Sílvia Fernandes
Categorias: Capa e Produção Editorial

■ O Contestado
Autora: Ivone Cecília D'Avilla Gallo
Categoria: Ciências Humanas e Educação

■ Arquitetura italiana no Brasil
Autor: Marcos Tognon
Categoria: Produção Editorial

■ Luzes e sombras
Autor: Alexandre Mansur Barata
Categoria: Ciências Humanas e Educação

■ O afeto da terra
Autor: Carlos Rodrigues Brandão
Categoria: Ensaios e Biografias

■ Natureza em boiões
Autora: Vera Regina Beltrão Marques
Categoria: Ciências Naturais e Ciências da Saúde

■ Redações do Vestibular Unicamp/2000
Autor: Comvest
Categoria: Didático, Ensino Fundamental e Médio

■ Reflexões sobre a vida e a morte
Autora: Vera Lúcia Rezende

Categoria: Ciências Naturais e Ciências da Saúde

■ As máscaras do medo – Aids e lepra
Autor: Italo Tronca
Categorias: Ensaios e Biografias e Produção Editorial

■ Introdução a sistemas de energia elétrica
Autores: Alcir Monticelli e Ariovaldo Garcia
Co-edição: Imprensa Oficial do Estado (Imesp)
Categoria: Ciências Exatas, Tecnologia e Informática

■ Um olhar sobre o passado
Autora: Sílvia Figuerôa
Co-edição: Imprensa Oficial do Estado (Imesp)
Categoria: Ciências Humanas e Educação ou Produção Editorial

■ Cenas repetitivas de violência doméstica
Autora: Lucélia Braghini
Co-edição: Imprensa Oficial do Estado (Imesp)
Categoria: Ensaios e Biografias

■ Paisagens paulistanas
Antonio Augusto Arantes Neto
Co-edição: Imprensa Oficial do Estado (Imesp)

Categoria: Ensaios e Biografias

■ O Resgate da Dignidade
Autora: Laís Abramo
Co-edição: Imprensa Oficial do Estado (Imesp)
Categoria: Ciências Humanas e Educação

■ Mito e discurso político
Autor: Luís Felipe Miguel
Co-edição: Imprensa Oficial do Estado (Imesp)
Categoria: Ciências Humanas e Educação

■ Sexualidade(s) e Infância(s)
Autoras: Ana Maria Faccioli de Camargo e Cláudia Ribeiro
Co-edição: Editora Moderna
Categoria: Ciências Humanas e Educação

■ Marx: ciência e revolução
Autor: Márcio Bilharinho Neves
Co-edição: Editora Moderna
Categoria: Ensaios e Biografias

■ Wittgenstein: através das imagens
Autor: Arley R. Moreno
Co-edição: Editora Moderna
Categoria: Ensaios e Biografias

LATO SENSU

Especialização em jornalismo científico

O Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor) da Unicamp recebe até o dia 12 de janeiro inscrições de candidatos interessados em participar do seu curso de especialização *lato sensu* em Jornalismo Científico. Podem concorrer às 30 vagas jornalistas e cientistas de todas as áreas de conhecimento.

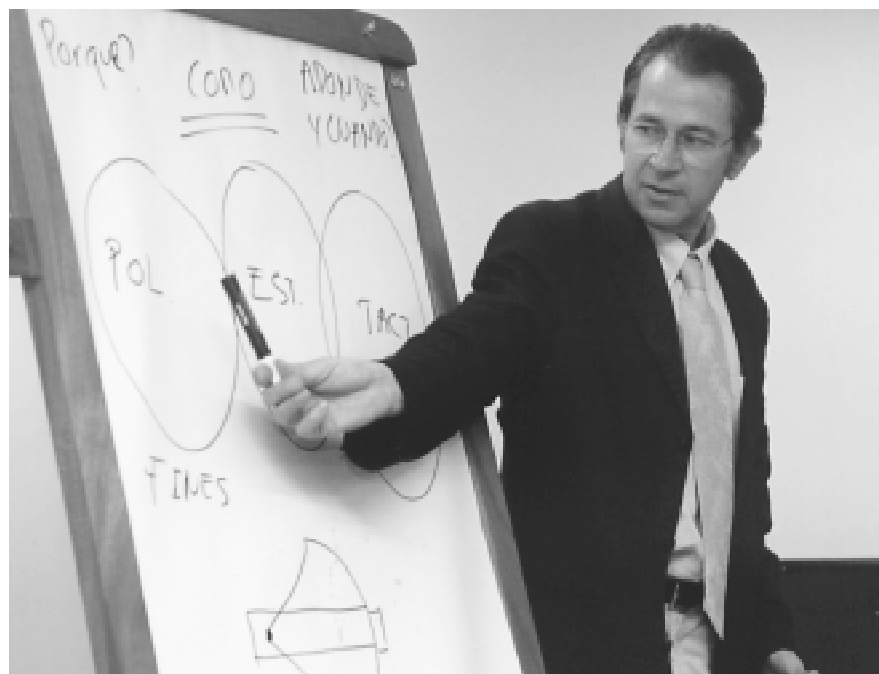
Para concorrer é necessário enviar cópia do documento de identidade, do diploma de graduação e currículo, além da ficha de inscrição (preenchida e assinada), disponibilizada no site do Labjor. Juntamente com a documentação, um texto de sua autoria com no máximo três laudas, tendo como tema "o papel da ciência e tecnologia no desenvolvimento nacional". O endereço do Labjor é www.uniemp.br/labjor. Informações também po-

dem ser obtidas pelo telefone (19) 3289-3120.

O processo de seleção acontecerá em duas fases. Na primeira serão avaliados o currículo e o texto dos candidatos. Em 12 de fevereiro será divulgada a lista dos convocados para a segunda fase, quando haverá uma prova de redação, uma de proficiência em inglês (não eliminatória) e entrevistas com professores e coordenadores do curso nos dias 19 e 20.

A lista dos aprovados sairá em 21 de fevereiro. O curso é gratuito, assim como a inscrição. As aulas começam em março, às segundas-feiras, nos períodos da manhã e tarde, na Unicamp. A duração é de três semestres.

Palestra – Pierre Fayard é professor do Instituto de Comunica-



Fayard, da Universidade de Poitiers: "Armazenar informação não é mais concentrar poder"

ção e Novas Tecnologias (Icomtec) da Universidade de Poitiers, onde dirige um laboratório de pesquisa e o primeiro mestrado profissional em Inteligência Econômica na França. Ele esteve na Unicamp no dia 18 de dezembro para falar sobre seu último livro, *Os Jogos das Interações: Informação e Comunicação em Estratégia*, durante conferência organizada pelo Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor) e Núcleo de Desenvolvimento de Criatividade (Nudecri).

O cientista da comunicação afirma que, diante do mundo glo-

balizado e do advento da Internet, obter e armazenar informações já não significa concentrar poder. "O desafio, hoje, está em primeiro selecionar uma boa informação para então gerar e criar conhecimento a partir dela", afirmou. Fayard lembra que a informação é sempre estratégica por definição, mas discorde que ela seja manipulável. "Quando uma pessoa comunica é legítimo que queira convencer, e convencer não é manipular. A manipulação existe quando o interesse de quem fala não fica claro", avaliou.

TESE
TESE

Diálogos com a França

A partir da Revista Niteroy, pesquisadora analisa o afrancesamento da cultura brasileira no século 19

“A Litteratura de um povo é o desenvolvimento do que elle tem de mais sublime nas ideias, de mais philosophico no pensamento, de mais heroico na moral, e de mais bello na natureza, é o quadro animado de suas virtudes, e de suas paixoes, o despertador de sua gloria, e o reflexo progressivo de sua intelligencia. E quando esse povo, ou essa geração desaparece da superficie da Terra com todas as suas instituições, suas crenças, e costumes, a Litteratura só escapa aos rigores do tempo, para annunciar ás geraçoens futuras qual fóra o caracter do povo, do qual é ella o unico representante da posteridade...”

ANTONIO ROBERTO FAVA
fava@obelix.unicamp.br

O texto acima, na verdade um suposto ensaio sobre a história da literatura brasileira, foi publicado na *Revista Niteróy* — *Sciencias, Letras, e Artes*, lançada em Paris há exatos 164 anos, e publicada pela *Dauvin, et Fontaine, Libraires*. Considerada um marco do Movimento Romântico brasileiro, a publicação, que teve apenas duas edições — editadas em português —, é um dos elementos de pesquisa que integram a tese de doutorado da professora Ana Beatriz Demarchi Barel, defendida ano passado na Universidade Paris III, sob a orientação da professora Jacqueline Penjon, especialista em literatura brasileira. A pesquisadora se propôs a tentar entender como se davam as relações culturais entre a Europa e o Brasil no século passado, “pois é nesse momento que se define um conceito fundamental para as nossas letras, o conceito de identidade; o que somos nós no que diz respeito à literatura”, observa Ana Beatriz. Mas como uma publicação de poucas páginas, que não passou da segunda edição, pode servir de subsídio para um estudo desse fôlego?

O criador da revista na França foi Domingos José Gonçalves de Magalhães. Ele integrava um grupo de jovens intelectuais brasileiros, o chamado Grupo de Paris, e estabeleceu contatos com a elite intelectual francesa, o que acabou proporcionando “interessantes relações para o Brasil”. O contato francês foi Ferdinand Denis, que esteve no Brasil entre 1816 e 1819 e tornou-se anfitrião dos brasileiros e um dos responsáveis pelo aparecimento da *Niteróy* na França. O conteúdo era extremamente heterogêneo, tratando não apenas de literatura como também de filosofia, artes, química, física e as mo-

dernas (para a época) técnicas de extração de açúcar, além de música e economia.

Mas por que uma publicação feita por poetas, voltada para este segmento, trazia assuntos tão díspares? Ana Beatriz ressalta que a revista era marcada pelo caráter amador, improvisado e heterogêneo. “Ela parece um ato de fé nos valores da civilização francesa e uma das partes de um acordo diplomático que previa forte atuação da França no cenário cultural brasileiro”, ressalta. Talvez por isso mesmo *Niteróy* é uma revista mal estudada nos meios acadêmicos, que se limitam a uma leitura superficial e parcial do texto de Gonçalves de Magalhães. “Para mim, a revista é mais um documento de valor diplomático do que propriamente um documento literário”, avalia a pesquisadora.

Galicismo – Ferdinand Denis foi pioneiro na divulgação da literatura brasileira na França. Quando voltou ao seu país, levou esboços de obras consideradas importantes sobre a história da nossa literatura, assim como sobre a fauna e a flora. O Brasil do século 19 foi bastante influenciado pela França. Não raro, comentava-se no meio literário que aquela época era de um grande galicismo, com referência ao afrancesamento dos costumes e hábitos dos brasileiros.

Ainda que a Inglaterra dominasse o comércio de produtos manufaturados com o Brasil, era da França que vinham os folhetins, os romances e a moda. Isso leva a outros questionamentos: por que tanto interesse pela França, se a nossa metrópole era Portugal, se por ali fazíamos nossa ligação mais direta com a Europa e se a nossa

língua é o português?

A resposta talvez esteja na proclamação da independência política do Brasil, em 1822. “Com isso, deixamos de ser colônia de Portugal e passamos a exibir *status* de nação autônoma. Diante disso, por uma questão de demarcação de limites — políticos, econômicos e principalmente culturais — não podíamos continuar utilizando o modelo luso e ibérico como padrão”, explica Ana Beatriz. Por volta de 1816, o perspicaz D. João VI já tinha em mente um projeto de construção de uma nova imagem para o Brasil lá fora. Foi quando encomendou aos franceses o que eles têm de melhor: cultura. Inclusive uma escola, que viria a ser a nossa Escola de Belas Artes.

No mesmo ano, desembarcavam no Rio de Janeiro pintores, escultores, artesãos de todo tipo, formando o que se chamou de Missão Artística de 1816 ou Missão Artística Francesa, cuja principal proposta era, de fato, desenvolver intercâmbio de informações culturais, “de forma a intensificar o universo da intelectualidade brasileira”, como lembra Beatriz. Entre esses franceses imigrantes estava Félix Taunay, avô do escritor Alfredo Taunay, autor de *Inocência*, romance que mais tarde seria transcrito para o cinema em filme protagonizado pela atriz Fernanda Torres.



Ana Beatriz em Paris: “Revista tem mais valor diplomático do que literário”

AGRICULTURA
AGRICULTURA

Flores d'água

RAQUEL DO CARMO SANTOS

kel@obelix.unicamp.br

*Feagri consegue
produzir
cravínias no sistema
hidropônico pela
primeira vez no Brasil*

Nos Jardins Suspensos da Babilônia, a água fresca e rica em oxigênio era bombeada com regularidade e escorria de um jardim ao outro, fazendo com que as plantas se multiplicassem. Aquela mesma técnica, usada pelos idealizadores de uma das sete maravilhas do mundo antigo, aponta como uma solução para amenizar a fome no mundo moderno: é a hidroponia, cultivo de hortaliças, frutas e plantas medicinais em água, sem utilização de terra.

A hidroponia vem se difundindo principalmente entre os pequenos produtores, que trabalham um solo muitas vezes saturado por agrotóxicos e pelas colheitas sucessivas. Paralelamente, surgem pesquisas para o cultivo também de flores no sistema hidropônico. Um desses estudos vem sendo realizado nos laboratórios da Faculdade de Engenharia Agrícola (Feagri) da Unicamp, com olhos em mercado promissor – o faturamento anual no comércio de flores é equivalente ao da indústria de brinquedos.

Contemplando o entusiasmo de um produtor de flores de Atibaia, que doou centenas de mudas para a Feagri, a equipe coordenada pelos professores Sylvio Honório e Antonio Bliska obteve com sucesso, pela primeira vez no Brasil, uma produção de cravínias (espécie da família do cravo). “Não há diferenças na qualidade da planta”, assegura Bliska.

O que caracteriza o êxito das experiências com esta flor é sua semelhança com a espécie produzida em terra, estando tecnicamente perfeita para comercialização. No caso de hortaliças como alface e rúcula, ou mesmo de frutas como o morango hidropônico, a qualidade está no sabor, que deve ser igual ao das espécies cultivadas no solo e passar pelo crivo do consumidor.



Hastes perfeitas – “Os resultados são excelentes, as hastes das flores ficam perfeitas”, comemora o engenheiro agrônomo Olimar Nunes do Amaral, o produtor que cedeu, em março, as mudas para as pesquisas na Unicamp. Ele nunca havia optado pelo sistema de hidroponia por mero desconhecimento

das vantagens que o processo oferece. Trabalhando desde 1989 com o cultivo de flores de corte, como rosa, cravo, lisiantus e outras, só agora Olimar reconhece que seu negócio pode melhorar.

Em sua opinião, uma das grandes vantagens do sistema é a inexistência das pragas da terra, uma grande dor de cabeça para todo produtor. “Essas doenças do solo acabam com a qualidade das flores e resultam em enormes prejuízos na colheita”, diz. Mas o que mais animou o agrônomo, no entanto, foi o encurtamento do ciclo da planta. “Em geral, a cravínia cultivada na terra demora cerca de quatro meses para florescer. Na hidroponia esse tempo cai para três meses”, explica. Agora Olimar já se prepara para construir uma estufa de 28 metros, a fim de ampliar a área para o cultivo em água.

Os testes na Feagri também entram em uma nova etapa. “Pretendemos incrementar as pesquisas para melhorar ainda mais a qualidade da planta”, diz Bliska. O trabalho dos pesquisadores na primeira fase foi adaptar a solução de nutrientes e as técnicas já existentes na Europa às condições climáticas do Brasil. “Utilizamos uma formulação própria para as flores, que adicionada à água é utilizada como base para a produção”. Outro desafio foi conseguir a temperatura adequada para o desenvolvimento de uma planta saudável. São justamente nesses dois aspectos que se baseiam as várias pesquisas em torno do sistema hidropônico.

Investimentos – Os investimentos iniciais para a produção em hidroponia são altos. O retorno financeiro, porém, é bastante rápido. O mais comum é a construção de uma estufa com estrutura de tubulação em PVC ou outro material plástico. Pelos cálculos de Antonio Bliska, gasta-se em média R\$ 10,00 por metro quadrado construído de sistema hidráulico, e de R\$ 10,00 a R\$ 15,00 na estufa. Esta estrutura, se bem conservada, pode durar muitos anos, ao contrário do solo, que vai se desgastando até se tornar improdutivo, acarretando assim a diminuição da receita. Tudo isso sem contar o enorme benefício ao meio ambiente e à saúde do consumidor, com a redução de utilização de agrotóxicos e pesticidas.

O que se pode cultivar?

Praticamente tudo. A alface é a mais cultivada, mas pode-se plantar brócoli, feijão-vagem, repolho, couve, salsa, melão, agrião, mudas de árvores e plantas ornamentais.

Quais as vantagens para o produtor?

Maior higienização e controle da produção. A planta cresce mais saudável e, por estar longe do solo, é menos sujeita a infestação de pragas. A produção se dá durante todo o ano por ser um cultivo protegido. Devido à alta produtividade, um único empregado pode cuidar de aproximadamente 10.000 plantas. O custo de manutenção (funcionário, água, luz, frete etc.) para o cultivo de alface, por exemplo, está em torno de R\$ 0,20 por pé. A ergonomia é muito melhor, pois se trabalha em bancadas. O trabalho é mais leve e limpo. Não há desperdício de água e nutrientes. A economia de água em relação ao cultivo de solo é de aproximadamente de 70%. A produtividade em relação ao solo aumenta em 30%. O retorno do investimento se dá entre 6 e 8 meses. Por ser colhida com raiz, a sobrevida da planta hidropônica é muito maior que a da cortada no solo, aumentando as chances de aceitação do produto.

Quais as vantagens para o consumidor?

As plantas não entram em contato com contaminantes do solo como bactérias, fungos, lesmas, insetos e vermes. As espécies são mais saudáveis, pois crescem em ambiente controlado para atender às exigências da cultura. Todo produto hidropônico é vendido embalado, não entrando em contato direto com mãos, caixas, caminhões. O ataque de pragas e doenças é quase inexistente, diminuindo ou eliminando a aplicação de defensivos. Pela embalagem o consumidor pode identificar marca, cidade da produção, nome do produtor ou responsável técnico, características do produto e telefone de contato. Os vegetais hidropônicos duram mais na geladeira e fora dela, pois permanecem com a raiz.

O professor Antonio Bliska: “Não há diferença na qualidade da planta”

